

Universidade Estadual de Campinas

Instituto de Economia

**Complexo Canavieiro e Desenvolvimento: o caso da Região de
Governo de Jaú no período de 1960-2010.**

Orientador: Professor Doutor Fernando César de Macedo Mota

Aluno: Alan Diego Quintal Pereira

Campinas, 2012

Alan Diego Quintal Pereira

Complexo Canavieiro e Desenvolvimento: o caso da Região de Governo de Jaú no período de 1960-2010

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Graduação do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas sob a orientação do Prof. Dr. Fernando César de Macedo Mota.

Campinas 2012

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer minha família, em especial minha mãe e minha irmã, Lucimara e Naiare, por todo o suporte dado à minha formação, bem como todo o carinho e dedicação com que acreditaram em meu potencial e vontade de superar obstáculos.

Não posso deixar de citar o meu orientador Fernando Macedo, por toda a compreensão durante este ano, de forma que devo boa parte deste resultado à sua boa vontade e esforço em me ajudar e me orientar, apesar de todas as dificuldades.

Lembrança também a todos os amigos e colegas feitos na faculdade, que tornaram estes cinco anos muito melhores para mim e sempre estiveram dispostos a compartilhar alegrias, tristezas e o dia a dia comigo, seja em momentos de estudo em qualquer manhã no Instituto de Economia, ou nos vários treinos noturnos do time de handball.

Campinas

2012

Pereira, Alan D. Q. Complexo Canavieiro e Desenvolvimento: o caso da Região de Governo de Jaú no período de 1960-2010. 2012. 62 folhas.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Instituto de Economia. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

Resumo

A Região de Governo de Jaú, após uma rica história pautada nas indústrias de calçado, olarias e em atividades agrícolas, principalmente café e cana-de-açúcar, vem notadamente se destacando no complexo canavieiro. Problemas com as outras atividades e aspectos políticos, além, obviamente, dos investimentos na indústria acima citada, podem ser considerados nessa conclusão.

O objetivo desta pesquisa, assim, é avaliar o grau de dependência da região em relação ao complexo canavieiro e possíveis consequências disso, estando sempre voltados a uma análise acerca do desenvolvimento desta Região de Governo paulista.

Palavras-chave: Cana-de-açúcar, Região de Governo de Jaú, Desenvolvimento.

Lista de Tabelas, Gráficos e Figuras

Tabela 1.1 – População Residente na RG de Jaú	9
Tabela 1.1.1 – Comparações Relativas – População	9
Tabela 1.2 – Evolução da área colhida da RA de Bauru	10
Tabela 1.3 – Evolução do valor da produção agropecuária da RA de Bauru	11
Tabela 1.4 - Participação da RA de Bauru no total da indústria de transformação do Estado de SP e do interior (em %)	12
Tabela 1.5 - Estrutura da indústria de transformação da RA de Bauru - principais gêneros, 2000-2003 (em %)	13
Tabela 1.6 - Participação da RA de Bauru no total do VAF do comércio do Estado de SP e do interior (%)	14
Tabela 1.7 - Distribuição da ocupação no setor terciário, por grupos (2000)	14
Tabela 1.8 - Taxa de ocupação, assalariamento, precarização e desemprego (em % PIA) entre 1991 e 2000	15
Tabela 1.9 - Distribuição setorial do emprego formal entre 1985 e 2003 (total = 100%)	16
Tabela 2.1 - População Economicamente Ativa da RG Jaú	20
Tabela 2.2 - PEA x População Absoluta	21
Tabela 2.3 - Esperança de Vida na RG Jaú	22
Tabela 2.4 - IDH da RG de Jaú	23
Tabela 2.5 - Analfabetismo acima dos 15 anos (%)	24
Tabela 2.6 - Analfabetismo acima dos 15 anos por grupo de idade em 2010 (%)	25
Tabela 2.7 - Dados dos <i>Clusters</i> Calçadistas no Estado de São Paulo – 2005.	28
Tabela 2.8 - PIB da RG Jaú	29
Tabela 2.9 - Crescimento do PIB da RG Jaú	30
Tabela 2.10- População Ocupada - Rural e Urbana	31
Tabela 2.11 - % População Ocupada em âmbito Urbano	32
Tabela 2.12 - Rendimento Familiar em relação à Renda do Município	33
Tabela 2.13 - Valor médio domiciliar <i>per capita</i> em 2010	34
Tabela 2.14 - Razão entre a Renda dos 10% + Ricos e dos 40% + Pobres	35
Tabela 2.15 - Valor recebido do Programa Bolsa-Família (R\$)	36

Tabela 2.16 - Quantidade recebida do Programa Bolsa-Família	37
Tabela 2.17 - Valor Unitário recebido do Programa Bolsa-Família (R\$)	38
Tabela 2.18 - Valor das Exportações em Reais	39
Tabela 2.19 - Composição do PIB e o PIB per Capita em 2009	40
Tabela 2.20 - Composição do PIB Dados Relativos – 2009	41
Tabela 2.21- Quantidade e Valor das Produções Agrícolas em 2011	42
Tabela 2.22 - Principais Produtos de cada cidade - Quantidade e Valor – 2011	43
Tabela 3.1 – Território e População	49
Tabela 3.2 - Estatísticas Vitais e Saúde	52
Tabela 3.3 - Condições de Vida	53
Tabela 3.4 - Habitação e Infraestrutura Urbana .	53
Tabela 3.5 – Educação	54
Tabela 3.6 - Emprego e Renda	55
Tabela 3.7 – Economia	57
Gráfico 2.1 – Pirâmide Etária da RG de Jaú	19
Gráfico 3.1 – Pirâmide Etária – Barra Bonita - 2010	50
Figura 1 – Mapa da RA de Bauru	3

Sumário

1 - Análise histórica e desenvolvimento econômico da Região de Governo de Jaú.....	1
1.1 – Desenvolvimento: discussão teórica	1
1.2 - A história e a evolução da RA de Bauru	3
1.3 – Dados acerca do desenvolvimento socioeconômico da RA de Bauru e da RG de Jaú.....	8
1.3 .1 – Análise Demográfica	9
1.3.2 – Análise Econômica.....	10
2 - Região de Governo de Jaú e Complexo Canavieiro – dados e análises.....	18
2.1. – Dados Sociais da Região de Governo de Jaú.	18
2.2 – Dados Econômicos da Região de Governo de Jaú.....	25
2.2.1 – Calçados em Jaú – Análise do <i>Cluster</i>	26
2.2.2 – Dados Econômicos	29
– Conclusão	44
3 – Barra Bonita e Cana-de-Açúcar	47
3.1 – Um pouco de história: Barra Bonita.....	47
3.1.1 – Usina da Barra	48
3.2 – Dados e Conclusões.....	49
4 – Conclusão	58
4.1 – O que esperar da cana-de-açúcar no futuro?	59
Referências Bibliográficas	61

1 - Análise histórica e desenvolvimento econômico da Região de Governo de Jaú.

A Região de Governo de Jaú¹ tem sua economia historicamente pautada na produção de cana de açúcar e na sua transformação em açúcar e álcool. Nos últimos anos, porém, devido aos mais diversos fatores, incluindo novas legislações sobre retirada de argila do rio Tietê² e competição calçadista externa, observa-se que as outras atividades, que outrora se destacavam perifericamente, estão passando por um processo de retração, a se destacar: a indústria calçadista de Jaú, as indústrias de extração de óleos vegetais e as cerâmicas localizadas às margens do rio Tietê.

Assim, para se analisar e indicar pontos importantes para a discussão sobre o papel do complexo canavieiro para a região devemos, inicialmente, entender todo o processo histórico que permitiu tal desenvolvimento (utilizando, para isso, a fim de tornar tal análise mais completa, a Região Administrativa de Bauru), assim como a análise de alguns dados a fim de quantificar tal evolução. Nesse ponto, restringiremos a análise ao período de 1960 a 2010. Iniciamos, porém, com uma necessária explanação teórica acerca das definições consideradas em relação ao conceito de “desenvolvimento”.

1.1 - Desenvolvimento: discussão teórica

Muitos economistas e sociólogos discutiram (e ainda discutem) a definição ideal para o termo desenvolvimento. Visto que este é um tema vasto e amplo, com definições partindo para todas as facetas possíveis de tal conceito, decidimos concentrarmo-nos na definição dada por Florestan Fernandes:

¹ Segundo a divisão utilizada pelo governo do Estado de São Paulo, composta por Bariri, Barra Bonita, Bocaina, Boracéia, Dois Córregos, Igarapu do Tietê, Itaju, Itapuí, Jaú e Mineiros do Tietê.

² Afetando a produção de cerâmica, historicamente importante para a economia local.

“Na civilização contemporânea, ‘desenvolvimento’ equivale às possibilidades de realizar os requisitos ideais da ordem social competitiva ou da ordem social planificada. Queira-se ou não, ele significa, no mínimo, diferenciação econômica, com base na modernização tecnológica do campo e da cidade, na industrialização, na elevação da capacidade de consumo per capita e do padrão de vida das massas”³.

Vale frisar que, além da industrialização, a modernização da produção rural também é indispensável para o desenvolvimento econômico de uma região. Nesse ponto, deve ser analisada a região de Governo de Jaú: tanto seu grau de industrialização – insipiente, concentrada na indústria calçadista e na indústria sucroalcooleira – quanto seu grau de desenvolvimento rural, sendo o último um processo ainda em andamento, com a adequação de novas leis acerca dos trabalhadores (os “bóias-frias”) e sua segurança, além das novas máquinas colheitadeiras de cana-de-açúcar.

Celso Furtado, criticando em partes visões estritamente econômicas de desenvolvimento, busca apreender, em sua teoria, o desenvolvimento como

“(…) um processo global: transformação da sociedade ao nível dos meios, mas também dos fins; processo de acumulação e de ampliação da capacidade produtiva, mas também de apropriação do produto social e de configuração desse produto; divisão social do trabalho e cooperação, mas também estratificação social e dominação; introdução de novos produtos e diversificação do consumo, mas também destruição de valores e supressão de capacidade criadora”⁴.

Ou seja, embora a análise econômica seja primordial para qualquer estudo de desenvolvimento regional, não se deve ignorar, de maneira alguma, todo o processo social envolvido: os impactos de uma modernização no campo, os impactos urbanos de um processo industrializante, ou, por exemplo, no caso canavieiro, os impactos da diminuição e possível extinção dos “bóias-frias”, principalmente em relação ao futuro desses

³ Ramos (1999b), p. 53

⁴ Idem, p.53

trabalhadores que, comumente, são não-qualificados e se tornam, assim, um problema social grave na região estudada⁵.

1.2 - A história e a evolução da Região Administrativa de Bauru

A partir da discussão sobre desenvolvimento acima explanada, cabe fazermos uma análise histórica a fim de entender a evolução econômica da região de Governo de Jaú. Objetivando uma maior visão desse processo evolutivo, porém, decidimos focar a Região Administrativa de Bauru, demonstrando todos os movimentos socioeconômicos importantes que levaram a cidade de Bauru a ultrapassar Jaú em importância, bem como as reações à crise do Café, ao Proálcool, enfim, uma breve análise do século XX.

Figura 1 – Mapa da RA de Bauru



Fonte: Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional - SP

⁵ Tal discussão será realizada no decorrer da monografia.

A RA de Bauru possui 39 municípios divididos em 3 Regiões de Governo. Possui 3% da população do Estado de São Paulo, e tem como principais cidades Lins, Bauru, Jaú e Lençóis Paulista⁶. As principais atividades econômicas atuais, além do setor canavieiro, são as indústrias alimentícias, gráficas, a indústria de corte em Lins, e o setor terciário, principalmente alavancado por Bauru. Acima, um mapa com todas as cidades consideradas.

A Região Administrativa de Bauru foi impulsionada e realmente ocupada⁷ em meados do século XX, devido às plantações de café e os consequentes entroncamentos ferroviários (Sorocabana, para escoar a produção de café para o porto de Santos, e Noroeste, para permitir a expansão da fronteira cafeeira e o surgimento de novos centros urbanos no “sertão paulista”) que lhe permitia grandes vantagens estratégicas em transportes. A ocupação da região se expandiu nos anos 1950, por Jaú, Lençóis Paulista e Dois Córregos, ou seja, a porção mais ao sul da região e com terras mais férteis (a “terra roxa”).

Se considerarmos, portanto, a conjuntura acima citada e a força política de Jaú na época, devemos nos indagar quando e como se dá o desenvolvimento de Bauru a ponto de torná-lo a principal cidade da região, com uma população que corresponde a aproximadamente 35% do seu total⁸. A crise do café de 1929 causou, simultaneamente, a queda econômica de Jaú, e permitiu a consolidação de Bauru devido a alguns fatores⁹:

- a chegada de imigrantes via Bauru no início do século XX, devido às ferrovias, para a região permitiu um grande desenvolvimento do setor terciário;
- surgimento de indústrias nas décadas de 1930 e 1940, inicialmente de apoio à agropecuária, em especial ao café, e aos trabalhadores rurais, com produção de bens de consumo e maquinário e instrumentos rurais;

⁶ IBGE. Censo 2010.

⁷ Sabe-se que suas cidades foram fundadas no século XIX, mas eram pouco desenvolvidas e habitadas até que tal “impulso atrativo”, principalmente com a chegada das estradas de ferro, ocorresse.

⁸ IBGE, Censo 2010.

⁹ Cano (1992), v.7, p.95.

- forte setor terciário, como já citado, inicialmente de apoio à agricultura, mas que se caracteriza como principal fator de desenvolvimento urbano, concentrando, inclusive, os pólos comercial e financeiro da região.

A crise do café (oriunda da Grande Depressão, iniciada em 1929) trouxe algumas mudanças importantes para a região (e para o estado de São Paulo como um todo), principalmente para a sua base rural – que ditava a dinâmica econômica regional. Houve substituições de plantações de café por pastagens e produção de algodão, e consequente queda do dinamismo rural e êxodo para centros urbanos. Tal região, que fora uma das que mais recebeu imigrantes no Brasil (seja de outros países ou outras localidades nacionais) durante as décadas de 1920 e 30 (devido ao café), se tornou “expulsora” de população nos anos 1940 e 1950. Os emigrantes se direcionam para os estados do Mato Grosso do Sul, do Paraná e para o extremo oeste paulista (região de Presidente Prudente), onde plantações de café ainda subsistem, e onde a fronteira agrícola do país começa a avançar¹⁰.

Este período de êxodo rural foi vital para confirmar Bauru como um dos principais centros urbanos (91% da população era urbana em 1960¹¹), com um setor terciário altamente desenvolvido (Comércio e Serviços), com um dos principais centros financeiros do interior paulista, inúmeras indústrias de beneficiamento de café, e um transporte rodoviário desenvolvido e ligado à São Paulo e ao porto de Santos.

Se os anos 1960 foram de intensificação da desruralização com o aumento da área agricultável destinada a pastagens e à pecuária, os anos 1970 e 1980 permitem a ascensão da cana-de-açúcar como a principal atividade rural da região¹², embora tal fato não fora suficiente para reduzir o ritmo do processo de urbanização das outras cidades da região, inclusive Barra Bonita. Isso se deu pela modernização das relações de trabalho, que permitiram trabalhadores volantes, que trabalham no campo, mas moram nas cidades.

Portanto, o período de 1930 à 1980 pode ser resumido como um período em que a pecuária e cana de açúcar assumiram terras outrora destinadas ao café, e que a urbanização crescente permitiu um interessante desenvolvimento do setor terciário, de forma a garantir

¹⁰ Ramos (1999a), p.96.

¹¹ Idem, p.98.

¹² Idem, p.99.

relativa autonomia das cidades. Porém, a falta de um complexo industrial suficientemente desenvolvido não permitiu a absorção necessária da população em êxodo, provocando certo esvaziamento demográfico. Analisemos os movimentos agropecuário e industrial nos últimos anos deste período mais detalhadamente.

O setor agropecuário, nos anos 1970, apresentava grande dinamismo no estado de São Paulo devido ao avanço do processo de modernização iniciado nos anos 1950 (com a difusão de máquinas e insumos industriais, mudanças nas relações de trabalho, generalização do assalariamento e trabalhadores volantes), o que permitiu um considerável e comemorado aumento da área cultivada e da produtividade¹³. A principal consequência de tais fatores se encontrava na expansão das exportações, devido ao momento externo favorável, com relativo incremento do mercado externo e com incentivos governamentais à exportação.

Os efeitos de toda a movimentação produtivo-econômica supracitada na região de Bauru foram moderados, uma vez observada a manutenção dos mesmos 7% de participação na produção agrícola estatal entre 1970 e 1980¹⁴. O principal empecilho para esse almejado crescimento relativo está na grande porção de terras inadequadas à agricultura, sendo que os únicos locais com terras realmente férteis se encontram justamente na “terra roxa” da micro-região de Jaú, com tradição cafeeira e canavieira¹⁵. Por conta dessa limitação, inclusive, embora tradicional nas produções de café e cana, a região de Bauru possuía, em 1980, 58% da área agrária destinada a pastagens (principalmente em substituição ao café e ao algodão – terras desgastadas)¹⁶. Nos dias atuais, para se ver como a estrutura se mantém basicamente a mesma, 50% destina-se às pastagens, 45% à cana de açúcar e é cada vez maior a ascensão da produção de laranja, ultrapassando a de milho¹⁷. O café é apenas a sexta cultura da região, apesar do seu rico histórico.

A fim de encerrar a discussão agrícola, consideremos os dois principais produtos da região, conforme citado acima: o café e a cana de açúcar.

¹³ Idem, p.99.

¹⁴ Idem, p.99.

¹⁵ Idem, p.100.

¹⁶ Idem, p.100.

¹⁷ Cano, Brandão, Maciel, Macedo (2007), p.136 e IBGE.

Até os anos 1960, o café ainda se encontrava como o grande produto agrícola regional, mesmo com todos os processos de substituição ocorridos. Mas com a política de erradicação, instaurada em 1961/62 pelo governo estadual, decresce substancialmente sua área plantada na região. Tanto que, nos anos 1970, apesar de ser a primeira em área plantada, já era a segunda em valor de produção, ultrapassada pela cana (que também terá maior área plantada na década seguinte¹⁸). Nos anos 1980, observou-se um agravamento da substituição por cana de açúcar e por espécies mais nobres de café, indicando que tal cultura passava por um processo de seletividade e modernização, garantindo uma maior qualidade de produção.

Já a cultura de cana de açúcar, nos anos 1960, sofreu uma relativa queda da produção por conta dos preços internacionais. Situação que se reverteu na década de 1970, onde a cana se reafirmou como principal e mais dinâmica atividade agrícola da região. Modernização crescente da produção e o programa governamental Proálcool (em resposta às crises do Petróleo, programa de substituição dos combustíveis, principalmente dos automóveis, de gasolina para etanol) geraram emprego industrial (destilarias) e renda para a região¹⁹ (a produção regional já correspondia a 17% da produção de açúcar e álcool do estado de SP²⁰). Incentivos do governo estadual, como investimento em infra estrutura, às exportações e à produção como fonte alternativa de energia, permitiu ao agricultor segurança para aumentar e investir em sua produção.

Destaca-se também, nos anos 1980, a substituição da pecuária pela plantação de cana de açúcar, embora compensada (não completamente) pelo melhor aproveitamento das terras pelos pecuaristas. Destaca-se ainda a cultura de milho como a segunda maior da região na época. Hoje, como já dito, a produção de laranja ocupa seu lugar.

Em relação ao setor industrial, no mesmo período, podemos considerá-lo ainda insipiente na região de Bauru, claramente demonstrado quando consideramos a presença modesta no total estadual (1% do VTI²¹). Em termos gerais, prevalecem ramos de bens de

¹⁸ Cano (1992), v.7, p.103.

¹⁹ Ramos (1999a), p. 101.

²⁰ Cano (1992), v.7, p.103.

²¹ Idem, p.107.

consumo não-duráveis, principalmente alimentares (33% da atividade²²). Os principais destaques são: alimentos, bebidas, madeiras.

No início, tal complexo era calcado em beneficiamentos de produção rural (café, principalmente) e produção de alguns bens finais demandados pela crescente urbanização²³. Assim, não é difícil concluir que poucos eram os incentivos: baseavam-se apenas no crescimento da população ou da atividade primária.

Com o Proálcool, nos anos 1970 e 1980, usinas e destilarias também ganharam espaço²⁴, bem como indústrias químicas (produção alcooleira e extração de óleos vegetais – soja, milho, mamona e amendoim) e mecânicas (equipamentos para cultivo da cana, refino de óleos vegetais e produção de alimentos), sendo que esses dois setores passam de 12% para 26% da produção industrial regional.

Outro fato a ser destacado é a concentração, nos dias atuais, de tais indústrias em Bauru (15%), Agudos (16% - AMBEV e Duratex), Lençóis Paulista (12% - Grupo Lwart) e Jaú (9,6% - destaque para a produção calçadista, inclusive todas as atividades integradas a ela, como o curtimento do couro e a produção de embalagens), com participação importante de Barra Bonita, com a Usina da Barra e a Ciclotron²⁵. As principais atividades industriais da região estão nos seguintes gêneros industriais: bebidas; couros e calçados; produtos alimentícios; edição, impressão e gravações.

1.3 – Dados acerca do desenvolvimento socioeconômico da Região Administrativa de Bauru e da Região de Governo de Jaú.

Antes de fazermos qualquer análise acerca do atual estágio de desenvolvimento econômico da considerada região do Centro-Oeste do estado de São Paulo e das possibilidades futuras (objetivo desse estudo), faz-se necessário entendermos melhor,

²² Idem, p.107.

²³ Ramos (1999a), p.99.

²⁴ Idem, p.100.

²⁵ Cano, Brandão, Maciel, Macedo (2007), p.215.

através de algumas informações estatísticas (econômicas e demográficas)²⁶, qual o desenvolvimento histórico que nos leva a tal realidade, quais linhas de tendência podem ser estabelecidas.

1.3 .1 - Análise Demográfica

Tabela 1.1 - População Residente na RG de Jaú

	Censo 1970	Censo 1980	Censo 1991	Censo 2000	Censo 2010
RG Jaú	138.003	171.863	220.797	258.551	288.681
Bariri	17.497	19.894	24.542	28.224	31.603
Barra Bonita	17.328	22.594	30.941	35.487	35.256
Bocaina	6.896	6.774	7.254	9.442	10.862
Boracéia	2.643	3.561	3.460	3.739	4.268
Dois Córregos	13.417	15.482	18.838	22.522	24.768
Igaraçu do Tietê	8.861	12.730	20.869	22.614	23.370
Itaju	3.236	2.495	2.359	2.638	3.263
Itapuí	6.728	7.613	9.051	10.371	12.181
Jaú	56.301	74.012	94.116	112.104	131.068
Mineiros do Tietê	5.096	6.708	9.467	11.410	12.042

Fonte: IBGE - Censos 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010 - Elaboração Própria

Se analisarmos a evolução demográfica da região (tabela 1), vale destacar, inicialmente, que as taxas de crescimento anual entre 2000 e 2010 para o Brasil, para o estado de São Paulo e para a Região Administrativa de Bauru foram de, respectivamente, 1,2%, 1,1% e 1,1%. Assim, se considerarmos que a Região de Governo de Jaú obteve um crescimento de 1,2%, podemos afirmar que, na última década, tal região teve taxas de crescimento regularmente maiores que a estatal. O motivo disto será também estudado ao longo da monografia, mas pode-se dizer, como hipótese, que o recente desenvolvimento do

²⁶ Cabe ressaltar que, para essa primeira versão do capítulo, como não foram totalmente divulgados os dados do Censo 2010 (apenas populacionais), bem como os dados da Secretaria de Fazenda de SP, utilizamos as tabelas desatualizadas contidas em Cano et alii (2007).

complexo canavieiro tem relação direta com a imigração de trabalhadores. Se entrarmos em âmbito municipal, as cidades que mais cresceram foram Itaju, Itapuí e Jaú (respectivamente, 2,4%, 1,8% e 1,7%²⁷), sendo que a última é, sem dúvida, o grande pólo de atração da população migrante, inclusive pela proximidade com as outras atividades econômicas relevantes e pelo fato de oferecer serviços inexistentes em cidades menores. Por outro lado, as cidades vizinhas de Barra Bonita e Igaracu do Tietê são as que obtiveram os piores resultados: -0,07% e 0,33%. As diversas razões já foram citadas, destacando-se, novamente, o recente movimento de concentração das atividades produtivas da cidade no complexo canavieiro, ocasionado pela saída ou falência dos outros setores outrora importantes. Cabe destacar Barra Bonita como única cidade com desempenho negativo, ou seja, uma relativa estagnação do total da população na última década.

Tabela 1.1.1 - Comparações Relativas - População

	Censo 1991	Censo 2000	Censo 2010	% em Relação a SP		
				1991	2000	2010
Barra Bonita	30.941	35.487	35.256	0,10%	0,10%	0,09%
RG Jaú	220.797	258.551	288.681	0,70%	0,70%	0,70%
RA Bauru	1.118.828	1.309.586	1.454.111	3,54%	3,54%	3,52%
Estado SP	31.588.925	37.032.403	41.262.199	100%	100%	100%

Fonte: IBGE - Censos 1991, 2000 e 2010 - Elaboração Própria

Em relação aos dados relativos de população, podemos verificar que a RA de Bauru tem importância relativamente reduzida no estado de São Paulo: apenas 3,5% da população absoluta, e com tendência de relativa queda.

1.3.2 - Análise Econômica

Tabela 1.2 - Evolução da área colhida da RA de Bauru							
Produto	1995-1997		2002-2004		2008-2010		% Estado SP
	ha.	%RA	ha.	%RA	ha.	%RA	
Cana de açúcar	280.558	22,6	276.117	22,89	532.506	40,75	9,35
Criações a pasto	857.190	69,04	822.253	68,17	553.702	42,37	6,91
Laranja	19.640	1,58	28.923	2,4	63.082	4,83	11,28

²⁷ IBGE, Censo 2000.

Milho	42.746	3,44	44.653	3,7	62.585	4,79	7,48
-------	--------	------	--------	-----	--------	------	------

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

Analisemos, agora, a RA de Bauru em relação aos setores de sua economia: respectivamente, agricultura, indústria de transformação e setor terciário, encerrando com um breve panorama acerca da situação empregatícia da região. Sendo assim, partindo da situação agropecuária, observando-se as tabelas 2 e 3, podemos considerar que, embora a área disponibilizada para a criação de gado corresponda a quase metade da total na região, o valor da produção não é proporcional (13%, se somados carne e leite) pelo fato do Brasil ainda utilizar, em larga escala, da criação de forma extensiva, que é, comprovadamente, menos eficiente, embora mais barata, que a forma intensiva de criação, além do fato de a terra ser um ativo utilizado como reserva de valor. Numa relação contrária se encontra a cana de açúcar, que, dispendo de 41% da área agricultável da região, produz 58% do valor obtido.

Tabela 1.3 - Evolução do valor da produção agropecuária da RA de Bauru

Produto	1995-1997		2002-2004		2008-2010		
	R\$*	%RA	R\$*	%RA	R\$	%RA	% Estado SP
Cana de açúcar	656.360.973	51,35	704.131.712	42,76	1.754.435.980	58,48	9,53
Carne Bovina	224.988.691	17,6	372.337.367	22,61	387.719.840	12,92	7,70
Laranja para a Indústria	27.670.794	2,17	137.503.597	8,35	279.914.694	9,33	10,76
Carne de Frango	48.262.648	3,78	88.921.043	5,4	107.170.049	3,57	4,64
Milho	27.923.183	2,18	59.914.835	3,64	34.744.150	1,16	2,30

* Em valores correntes médios de 2004, deflacionados pelos IPCAs do IBGE.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA)

Em relação ao valor da produção, vale destacar a laranja, que teve um aumento de 4900% de seu valor no período considerado (e em 220% da área utilizada), a carne de frango e o milho. Estendendo a análise para em relação a ganhos relativos, observamos, nesse intervalo de 15 anos, um aumento na importância do complexo canavieiro em relação ao valor de produção, de 51% para 58%. Isso se deu, principalmente, pelo avanço das

usinas, principalmente em relação à produtividade daquelas ligadas a Cosan. Vale destacar, porém, que esses dados são relativos à RA de Bauru. Uma análise da RG de Jaú teria um resultado ainda maior, uma vez que dela provém a maior parte da área colhida de cana considerada na tabela 2.

Analisando o setor industrial de transformação, partiremos, inicialmente, observando a importância do parque industrial da RA de Bauru em relação ao estado (tabela 4), para, em seguida, observarmos sua estrutura, ou seja, os gêneros produtivos que se destacam (tabela 5).

Tabela 1.4 - Participação da RA de Bauru no total da indústria de transformação do Estado de SP e do interior (em %)								
RA	1980	1985	1990	1995	2000	2001	2002	2003
Bauru/SP	1,1	1,4	1,2	1,5	1,6	1,6	1,8	1,7
Bauru/Interior SP	3,1	3,3	2,9	3,1	2,7	2,7	2,9	2,7

Fonte: Secretaria de Estado da Fazenda/SP - Elaboração: Cano et alii (2007)

No período 1980-2003, observa-se certa evolução da participação relativa do parque industrial da região considerada em relação ao total do estado de São Paulo, aproximando-se dos 2%. Podemos considerar isso mais uma amostra do fenômeno de descentralização industrial que continua a ocorrer no estado, com inúmeras indústrias, seja via novas plantas ou mudando-se da região metropolitana de São Paulo (RMSP), se instalando no interior do estado. Algumas explicações para esse fato: melhorias na infraestrutura local, na infraestrutura de transportes, aumento do nível educacional dessas regiões atrelado a um menor custo de mão de obra, além das objetivadas isenções fiscais - que são os principais fatores de atração de tais empresas. Esse movimento é mais percebido quando se constata que, embora a participação relativa da RA de Bauru aumentou quando comparada ao estado de São Paulo, esta caiu se comparada apenas com o interior (de 3,1% para 2,7%). Ou seja, embora esteja atraindo novas indústrias para a região, essa atração é menor do que a

exercida por outras RAs interioranas, a se destacar Araçatuba, Marília, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto e São José dos Campos ²⁸.

Se focarmos nos diversos gêneros produtivos dessa estrutura industrial de transformação da RA de Bauru, destacamos as indústrias de produtos alimentícios e bebidas, que, juntas, são responsáveis por, aproximadamente, 60% de toda a estrutura considerada. Vale destacar, também, o setor de papel e celulose, com empresas como a Duratex (Bauru) e o grupo Lwart (Lençóis Paulista).

Tabela 1.5 - Estrutura da indústria de transformação da RA de Bauru - principais gêneros, 2000-2003 (em %)				
Gêneros	2000	2001	2002	2003
Indústria - Produtos Alimentícios	47,9	50,0	48,8	46,4
Indústria - Bebidas	10,2	10,6	11,8	13,0
Indústria - Papel e Celulose	4,7	3,3	6,1	6,7
Indústria - Impressão, Edição e Gravações	6,8	5,4	5,0	5,7
Indústria - Combustíveis	6,2	4,9	6,9	4,9
Indústria - Máquinas e Equipamentos	3,3	3,7	4,2	4,6
Demais Gêneros	20,9	22,1	17,2	18,7

Fonte: Secretaria de Estado da Fazenda/SP - Elaboração: Cano et alii (2007)

Em relação ao setor terciário, consideraremos um conjunto de dados (organizados na tabela 1.6) a fim de demonstrar a participação relativa do comércio quando comparados, novamente, ao estado e ao interior de São Paulo. E, analogamente à análise do setor industrial, prosseguiremos buscando demonstrar a distribuição da ocupação nos diferentes grupos desse setor (tabela 1.7).

Devido ao grande intervalo temporal considerado (1985-1998), e considerando todas as mudanças ocorridas nos país a partir do fim da ditadura militar – incluindo o período hiperinflacionário, os efeitos da abertura econômica, e a implementação do Plano

²⁸ Cano et alii (2007).

Real, é de se esperar (e, de fato, se confirma) grandes mudanças relativas ao analisar os dados sobre o comércio, segundo dados do Valor Agregado Fiscal (VAF). Iniciando com os dados acerca do comércio atacadista, houve uma queda acentuada da participação da RA de Bauru, para valores próximos de 5%, se em relação ao interior de São Paulo, e 1,5%, se considerado o estado de São Paulo. Em ambos os casos, uma queda relativa de 50%. Se considerarmos o comércio varejista, a queda é menos acentuada, mais também significativa, principalmente em relação ao interior de São Paulo. Ou seja, embora grande parte da PEA esteja alocada no setor terciário (tendência capitalista), este setor teve uma tendência de queda da importância relativa no quadro estadual. Em uma análise um pouco mais profunda: embora os índices industriais melhorassem, o setor terciário teve a já citada queda de importância relativa. Um estudo sobre tais tendências, portanto, deve ser realizado, não antes, porém, da atualização desses dados, para observarmos se há a manutenção das variações relativas citadas.

Tabela 1.6 - Participação da RA de Bauru no total do VAF do comércio do Estado de SP e do interior (%)				
Setor	RA/Interior SP		RA/Estado SP	
	1985	1998	1985	1998
Comércio Atacadista	8,7	4,3	2,8	1,5
Comércio Varejista	5,8	5,0	2,5	2,4
Comércio Total	7,4	4,7	2,7	2,0

Fonte: Secretaria de Estado da Fazenda/SP

Tabela 1.7 - Distribuição da ocupação no setor terciário, por grupos (2000)		
Grupos	% RA	% Estado SP
Serviços de Produção	10,7	1,7
Serviços Distributivos	37,0	2,4
Serviços Comunitários e Sociais	27,2	2,8
Serviços Pessoais	25,1	2,6
Total	100,0	2,4

Fonte: Censo 2000 (microdados)

Se considerarmos os dados acerca da distribuição da ocupação no setor terciário (em relação à RA de Bauru), podemos observar que os serviços distributivos possuem maior importância (37%), seguidos pelos serviços comunitários e sociais (27%, e que possuem tendência de elevação nos últimos anos, em âmbito geral²⁹). Se considerarmos a participação relativa em relação ao estado de São Paulo, todos os grupos de serviços se colocam entre o intervalo de 2,4% a 3%, com exceção do grupo de serviços de produção, com a baixa participação relativa de 1,7% em 2000.

Tabela 1.8 - Taxa de ocupação, assalariamento, precarização e desemprego (em % PIA) entre 1991 e 2000		
Taxa	Ano	
	1991	2000
Ocupação	57,5	50,9
Assalariamento	52,8	49,8
Precarização	20,0	23,7
Desemprego		8,3

Fonte: IBGE/Censo - Elaboração Própria

Enfim, a fim de analisar alguns dados sobre emprego, compilamos dados acerca das taxas de ocupação, assalariamento, precarização do trabalho e desemprego (tabela 1.8), bem como a distribuição setorial do emprego formal na RA de Bauru (tabela 1.9).

Considerando que os dados a seguir estão em relação à PIA, e o período considerado é 1991-2000, podemos verificar uma acentuada queda da taxa de ocupação, para pouco mais de 50%. Explicações para isso podem ser encontradas em relação ao retardamento da entrada dos jovens no mercado de trabalho, inclusive pela proliferação de unidades públicas e privadas de ensino superior na região, além da desaceleração do crescimento industrial que se inicia no fim dos anos 1980. A taxa de assalariamento, por efeito de consequência, também sofreu um decréscimo, mais sensível e praticamente

²⁹ Ramos (1999a), p.100.

correspondente, no ano 2000, ao número de empregados. Um dado preocupante, porém, era o aumento da precarização do trabalho, muito embora esse fosse, no período um problema nacional³⁰. A taxa de desemprego em 2000 para a RA de Bauru (8,3%) também foi maior que a nacional (7%), o que mostra os efeitos da já citada desaceleração industrial somada a do setor terciário, conforme já analisado.

Por fim, a distribuição setorial do emprego formal manteve sua estrutura no período 1985-2003, com destaques para as quedas relativas do emprego industrial e na agropecuária (ambos de 3%), e aumento no comércio, além do setor de construção civil, que passou por um aumento de aproximadamente 100%. Como se espera de uma região capitalista minimamente desenvolvida, o setor terciário emprega grande parte da PEA, aproximadamente 60%, embora esta seja uma análise vaga.

Tabela 1.9 - Distribuição setorial do emprego formal entre 1985 e 2003 (total = 100%)		
Setor	Ano	
	1985	2003
Indústria	30,6	27,3
Constr. Civil	1,2	2,2
Comércio	14,2	19,2
Serviços	40,5	40,9
Agropecuária	13,5	10,4

Fonte: MTE/RAIS - Elaboração: Cano et alii (2007).

A análise histórica, tanto de fatos quanto de dados, é indispensável para se traçar qualquer análise e plano de desenvolvimento para uma região. Deve-se, portanto, entender todos os caminhos e eventualidades históricas que levaram uma determinada região a um determinado desenvolvimento socioeconômico. Visto isso, podemos concluir que a RA de Bauru e, principalmente, a RG de Jaú, desenvolveu-se pautado em suas atividades

³⁰ Cabe citar que, nos dias atuais, a formalização do trabalho permitiu a superação de tal problema.

agropecuárias (observando-se, por exemplo, que o setor industrial mais desenvolvido na região é, justamente, o alimentício), e cabe, portanto, uma análise mais detalhada do quanto esse modelo é benéfico para um plano de desenvolvimento no longo prazo, focando, principalmente, para a relação entre a RG de Jaú e a cidade de Barra Bonita com o complexo canavieiro liderado pelo grupo Cosan.

2 - Região de Governo de Jaú e Complexo Canavieiro – dados e análises.

Dada a análise histórica e alguns dados gerais acerca da região tratada neste estudo, cabe-nos uma análise mais aprofundada de alguns dados a fim de aferir acerca dos caminhos que o desenvolvimento econômico tem levado às cidades consideradas. Assim, observar dados econômicos se faz essencial. Porém, cabe destacar que os dados sociais também podem nos trazer informações igualmente importantes e, portanto, não podem ser desprezados. Assim, começaremos essa nossa análise nos pautando nesse último grupo de dados.

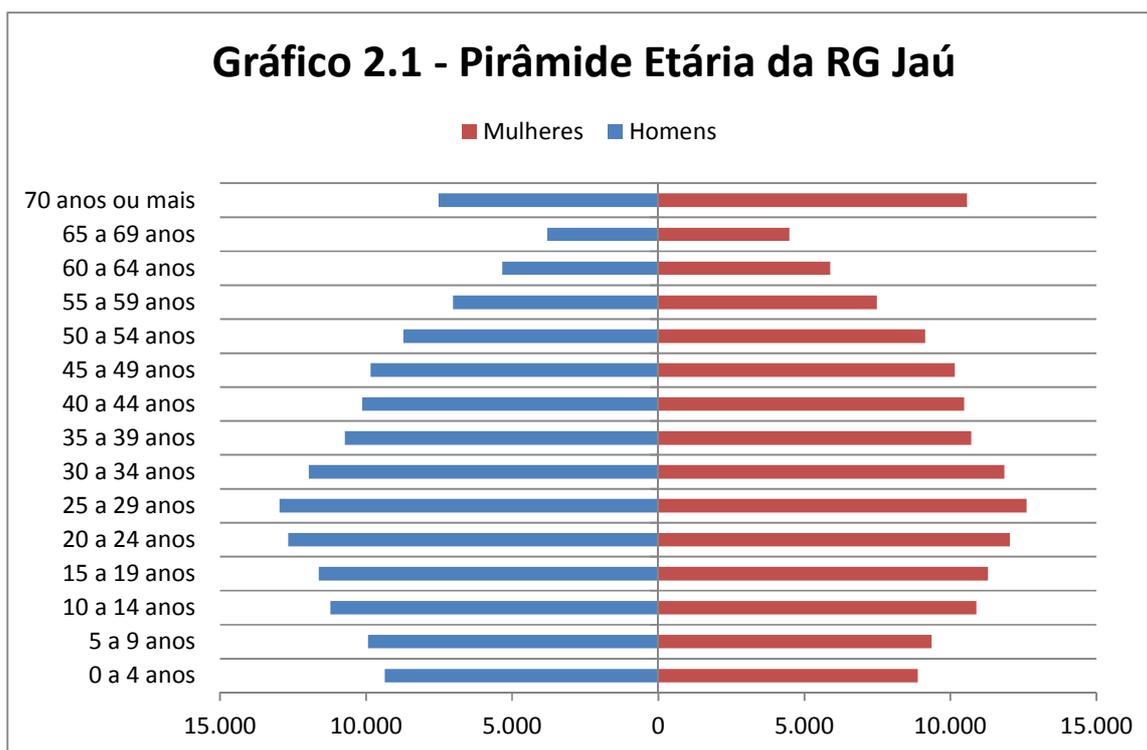
2.1. – Dados Sociais da Região de Governo de Jaú.

Conforme a tradição Cepalina de desenvolvimento, temos que tratar, nesse campo da economia, cada caso como uma situação distinta determinada por variáveis históricas, econômicas e sociais. Sendo assim, já feita a análise histórica, optamos pela social a fim de considerar sua importância em qualquer análise desse tipo. Há mudanças estruturais importantes e só captadas por essa faceta, além de se determinar características da sociedade em questão e possíveis resultados de políticas aplicadas, bem como consequência de decisões econômicas, sejam elas públicas ou exclusivamente privadas.

Uma vez já considerados os dados acerca de população absoluta e relativa no Capítulo 1, optamos aqui por iniciar a discussão com dados (Tabela 2.1 e 2.2) acerca da População Economicamente Ativa (PEA) da região, e sua relação com a população absoluta.

Interessante perceber que a taxa se equipara para todas as cidades no último período considerado, sendo que para os três períodos anteriores a variação era relativamente maior. Podemos estimar que esse número deve continuar crescendo se considerarmos a mudança

estrutural na composição etária de nossa população, onde aumenta-se o número de idosos e diminui-se o número de crianças, relativamente. Nesse caso, teríamos a pirâmide etária (gráfico 2.1) muito mais parecida com o formato de países desenvolvidos (forma retangular) do que de países subdesenvolvidos (forma triangular), onde a massa ativa da população é relativamente maior.



Fonte: IBGE – Censo 2010 – Elaboração Própria

Observando-se os dados brutos, vê-se ainda mais destacadamente a importância de Jaú nessa região: 44% da PEA da Região de Governo de Jaú está na cidade de Jaú. A cidade de Barra Bonita, a segunda mais relevante, conta com 14% dessa PEA. Mas o mais interessante é o salto que Jaú dá nos últimos anos, demonstrando sua faceta de crescimento: de 1991 para 2000, sua PEA variou em 32%, oferecendo mais possibilidades de alocação de mão de obra para a cidade. Obviamente que, apesar de haver, como já explicitado, um crescimento natural decorrente de uma mudança da característica da Pirâmide Etária, o fato da cidade jauense ser um pólo atrativo de profissionais (principalmente para o complexo de Saúde de Jaú e para algumas industrias existentes) e estudantes de Ensino Superior (que ficam, após formados, na cidade) contribui para esse resultado.

Tabela 2.1 - População Economicamente Ativa da RG Jaú

	1960	1970	1980	1991	2000	% de 2000
RG Jaú	50.159	51.537	74.764	99.393	129.531	100,0%
Bariri	6.746	6.199	8.238	10.470	13.675	10,6%
Barra Bonita	4.970	6.575	9.616	14.188	17.710	13,7%
Bocaina	2.830	2.762	3.280	3.537	5.000	3,9%
Boracéia	1.656	984	1.578	1.604	1.808	1,4%
Dois Córregos	5.143	4.632	6.384	8.357	10.860	8,4%
Igaraçu do Tietê	2.604	3.218	5.461	8.690	11.040	8,5%
Itaju	1.659	1.198	1.087	962	1.379	1,1%
Itapuí	3.517	2.490	3.450	4.198	5.262	4,1%
Jaú	19.300	21.547	32.766	43.205	57.063	44,1%
Mineiros do Tietê	1.734	1.932	2.904	4.181	5.733	4,4%

Fonte: IPEA Data - Elaboração Própria

Em relação à porcentagem da PEA quando comparada à população absoluta (tabela 2.2), observamos uma evolução similar em todas as cidades dessa região, saindo de um patamar próximo de 37% em 1970 para a média de 50% nos anos 2000. Destacamos, nesse ponto, o fato de que a cidade de Bocaina sempre teve os maiores dados nos períodos considerados, o que mostra uma população cuja diminuição da taxa de natalidade deu-se de forma anterior às outras localidades, ou nunca esteve tão alta como daquelas. Sobre a tendência para os últimos 12 anos, podemos estimar que a PEA tenha aumentado ainda mais, talvez entre 55% e 60%, tendo como grandes causas a queda da natalidade e o aumento da expectativa de vida, sendo que algumas outras causas derivam daí: melhora no sistema de saúde e nas possibilidades de tratamento de algumas doenças (ou seja, avanço da

medicina) e uma maior conscientização populacional – advinda de uma maior escolaridade – acerca da natalidade e formas de prevenção.

Tabela 2.2 - PEA x População Absoluta

	1970	1980	1991	2000
RG Jaú	37%	44%	45%	50%
Bariri	35%	41%	43%	48%
Barra Bonita	38%	43%	46%	50%
Bocaina	40%	48%	49%	53%
Boracéia	37%	44%	46%	48%
Dois Córregos	35%	41%	44%	48%
Igaraçu do Tietê	36%	43%	42%	49%
Itaju	37%	44%	41%	52%
Itapuí	37%	45%	46%	51%
Jaú	38%	44%	46%	51%
Mineiros do Tietê	38%	43%	44%	50%

Fonte: IPEA Data - Elaboração Própria

O aumento da esperança de vida, já citado, pode ser verificado na tabela 2.3. Nesse ponto, podemos destacar a evolução da taxa com o tempo, acompanhando a média nacional, partindo de 57 anos em 1970 para 74 anos em 2000, e com tendência ainda ascendente, embora com certo grau de estabilização, ou seja, a taxa de crescimento está diminuindo. Podemos destacar que, embora com uma grande incidência de cortadores de cana de açúcar nessa região, os dados são relativamente altos, ou pelo menos em conformidade com a média estatal na época (75 anos). Nesse ponto, há de se destacar mais uma vez o fato de que Jaú é uma referência importante no campo médico do estado de São Paulo. A cidade tem vários hospitais e profissionais respeitados, onde destaca-se o Hospital

Amaral Carvalho, um dos principais centros de oncologia do país, principalmente se considerado sua especialidade, o tratamento de leucemia.

Tabela 2.3 - Esperança de Vida na RG Jaú

	1970	1980	1991	2000
RG Jaú	57,05	60,66	69,56	73,56
Bariri	56,59	64,93	70,57	73,74
Barra Bonita	57,63	61,60	70,70	73,74
Bocaina	56,02	59,84	70,70	76,21
Boracéia	57,00	59,89	66,23	73,74
Dois Córregos	54,92	59,49	68,17	71,41
Igaraçu do Tietê	53,32	57,03	68,57	71,41
Itaju	61,43	62,28	70,70	76,55
Itapuí	59,44	60,22	66,68	71,41
Jaú	57,13	60,55	72,56	73,74
Mineiros do Tietê	57,02	60,75	70,70	73,74

Fonte: IPEA Data - Elaboração Própria

Para fecharmos a discussão da melhora de condições de vida na Região de Governo de Jaú, consideremos os dados de IDH, que engloba longevidade e nível educacional. Em relação a esses dados, em específico, podemos verificar uma evolução excepcional: no ano 1970, a média estava abaixo de 0,5, ou seja, desempenho considerado ruim; no ano 2000, porém, a média já estava próxima a 0,8, que é o limite mínimo para dados considerados bons. Esses dados, portanto, corroboram para tudo o que foi dito até aqui acerca de indicadores sociais. Destacam-se os dados de Barra Bonita e Jaú, historicamente melhores que a média da região. Na outra ponta, Igaraçu do Tietê e Boracéia tem, historicamente, os piores dados.

Tabela 2.4 - IDH da RG de Jaú

	1970	1980	1991	2000
RG Jaú	0,494	0,699	0,738	0,796
Bariri	0,518	0,737	0,750	0,802
Barra Bonita	0,555	0,736	0,783	0,820
Bocaina	0,478	0,705	0,749	0,807
Boracéia	0,436	0,616	0,684	0,783
Dois Córregos	0,498	0,711	0,739	0,786
Igaraçu do Tietê	0,427	0,674	0,714	0,770
Itaju	0,464	0,693	0,726	0,807
Itapuí	0,493	0,683	0,719	0,774
Jaú	0,569	0,729	0,780	0,819
Mineiros do Tietê	0,497	0,706	0,738	0,788

Fonte: IPEA Data - Elaboração Própria

Voltando a discussão educacional, uma forma interessante de se medir o desempenho municipal no âmbito educacional, mais do que uma simples divisão por níveis de estudo atingidos, é a análise de analfabetismo. Obviamente que temos a limitação de não considerarmos uma subclasse importante no Brasil: os analfabetos funcionais, cujas causas de existência tem origens sociais e políticas, inclusive transitando pela economia, porém tal discussão não é tema dessa análise.

Conforme verificado na tabela 2.5, a evolução é nítida e o nível dos dias atuais é bom, com apenas 7% de analfabetos. Conforme esperado, as cidades maiores da região são também as com melhor desempenho nesse indicador: Jaú, Barra Bonita e Bariri reúnem os menores índices. Em relação à Igaraçu do Tietê, temos uma consideração interessante a fazer. Como verificado na tabela supracitada, Igaraçu tem o pior desempenho da região. Cabe destacar, porém, que a maioria dos cortadores de cana de açúcar, cuja escolaridade, em sua maioria (principalmente entre os mais velhos), é abaixo da média, residem em

residências igaraçuenses, inclusive pelo fato de que grande parte das plantações de cana de açúcar da região estar nesse município. Essa acaba sendo a cidade escolhida para os que decidem morar na região do antigo (atual) trabalho. Portanto, podemos ter um viés importante nesse caso.

Tabela 2.5 - Analfabetismo acima dos 15 anos (%)

	1970	1980	1991	2000	2010
RG Jaú	26,84	21,96	14,79	10,39	6,90
Bariri	24,60	21,60	12,40	10,01	5,85
Barra Bonita	23,00	17,10	12,50	8,13	5,58
Bocaina	30,80	23,90	16,30	11,67	6,37
Boracéia	29,50	25,90	20,30	11,62	7,62
Dois Córregos	24,60	20,10	15,50	11,01	8,26
Igaraçu do Tietê	35,30	25,20	17,40	12,60	9,52
Itaju	27,80	18,90	12,50	7,80	7,63
Itapuí	26,80	25,90	15,20	10,95	6,01
Jaú	22,50	16,90	11,80	7,42	4,71
Mineiros do Tietê	23,50	24,10	14,00	12,72	7,41

Fonte: IPEA Data - Elaboração Própria

Para verificar melhor os dados de analfabetismo, elaboramos uma divisão por faixa de idade, conforme verificado na tabela 2.6.

Nesse caso, podemos confirmar as suspeitas acerca dos dados igaraçuenses: a cidade tem os maiores dados para grupos de idade acima de 40 anos. Ou seja, cortadores e trabalhadores da Usina da Barra que por ventura resolveram continuar morando na cidade. Olhando para o futuro e suas possibilidades, destaca-se a primeira faixa de idade considerada, de 15 a 24 anos. Desconsiderando Dois Córregos, verificamos taxas menores que 2% em todos os casos, permitindo-nos vislumbrar as possibilidades para o futuro desses indicadores de escolaridade. Cabe frisar que esse nível já foi alcançado por países

desenvolvidos há alguns anos, demonstrando o ponto de atraso que o Brasil como um todo se encontra nesse indicador.

Tabela 2.6 - Analfabetismo acima dos 15 anos por grupo de idade em 2010 (%)

	15 anos ou mais		15 a 24 anos		25 a 39 anos		40 a 59 anos		60 anos ou mais	
	Total	Taxa (%)	Total	Taxa (%)	Total	Taxa (%)	Total	Taxa (%)	Total	Taxa (%)
RG Jaú	13.575	6,9	600	1,4	2.004	3,4	3.926	6,8	7.045	21,3
Bariri	1.458	5,9	49	1,0	170	2,4	334	4,2	905	19,0
Barra Bonita	1.614	5,6	55	1,0	205	2,4	481	5,0	873	17,8
Bocaina	543	6,4	13	0,7	69	2,6	163	6,2	298	21,9
Boracéia	251	7,6	10	1,3	27	2,7	80	8,3	134	23,8
Dois Córregos	1.591	8,3	120	2,8	415	6,9	408	7,2	648	19,3
Igaraçu do Tietê	1.740	9,5	69	1,6	253	4,4	574	9,7	844	35,3
Itaju	192	7,6	4	0,7	33	4,5	69	9,1	86	19,2
Itapuí	566	6,0	42	2,0	75	2,6	198	6,7	251	17,2
Jaú	4.928	4,7	209	1,0	654	2,0	1.406	4,2	2.659	15,8
Mineiros do Tietê	692	7,4	29	1,4	103	3,6	213	7,2	347	23,3

Fonte: IBGE - Censo 2010 - Elaboração Própria

Para finalizar, podemos considerar que avanços sociais são perceptíveis na região, porém ainda há um caminho razoável a ser percorrido, principalmente para garantir as condições mínimas para uma reprodução sustentável da sociedade.

2.2 - Dados Econômicos da Região de Governo de Jaú

Antes de entrarmos concretamente nos dados econômicos da região, uma análise do setor calçadista jauense se faz necessária (uma vez que o setor canavieiro já foi razoavelmente explicado no capítulo 1, e o será novamente no capítulo 3), uma vez importante dentro da economia regional.

2.2.1 - Calçados em Jaú - Análise do *Cluster*

O estado de São Paulo tem, hoje, o segundo posto em capacidade instalada e o terceiro lugar no ranking nacional de exportação de calçados, atrás de Rio Grande do Sul e Ceará³¹. Podemos considerar no estado três pólos produtivos principais: Franca, especializada em calçado masculino; Birigui, em calçado infantil; e Jaú, em calçado feminino³².

O negócio calçadista surgiu em Jaú por meio dos imigrantes italianos que trabalhavam nas diversas lavouras da cidade, por volta de 1950. Eles utilizavam-se de seu conhecimento de artesanato para fabricar botinas e sapatos de couro para viajantes e o comércio local. Tal atividade foi passada para as gerações seguintes, até que o complexo calçadista jauense se formasse, com mais de 200 micro e pequenas empresas, 10.000 empregos e sendo responsável por 65% da economia local (em 2007³³)

Caracterizemos, portanto, o pólo jauense. A cidade está localizada próxima de grandes cidades, como Bauru, Campinas e Ribeirão Preto, e possui ótimas rodovias, ferrovia, hidrovía (Tietê) e um aeroporto particular (Camargo Corrêa). Ou seja, possui uma vantagem de localização interessante.

Além disso, a união entre industriais, o Sindicalçados (Sindicato das indústrias calçadistas de Japu) e o governo municipal está buscando ações afirmativas em prol da alcunha de “Capital Nacional do Calçado Feminino, incluindo, nesse ponto, a criação de

³¹ IBGE. Dados 2009.

³² Suzigan (2002), p.93.

³³ Ministério do Desenvolvimento (2007)

shoppings com vendas a preço de fábrica (Cia do Calçado, Território do Calçado), atraindo vários consumidores com esse único fim.

Segundo o Sindicalçados, a produção jauense é sazonal, se concentrando entre setembro e dezembro, aproveitando o verão brasileiro (70% da produção vendida no estado de São Paulo) e o inverno no hemisfério norte para possíveis exportações (apenas 2% da produção). No caso brasileiro, as vendas de fim de ano, o verão e a possibilidade de férias e maior demanda permitem que o mercado se aqueça nessa época, com calçados mais abertos e tradicionais.

A produção é controlada pelo modelista, que, no caso, também é gerente – isso se dá pelo pequeno porte das empresas. Assim, modelos desenhados são levados para várias feiras especializadas em todo o país e, dependendo dos modelos mais elogiados, escolhe-se quais e quantos modelos serão produzidos.

Um problema dessas indústrias está no fato de sua gestão ser precária, uma vez que a maioria dos empresários tem apenas experiência de produção, e não administrativa. Alguns problemas podem ser considerados, como: “não planejam estrategicamente o desenvolvimento da empresa, não terem planos de marketing para os seus produtos, não pesquisarem novos materiais e esperarem as informações que são trazidas pelos fornecedores ou clientes, não terem plano de carreira e não oferecem treinamento para funcionários, entre outros” (Ministério do Desenvolvimento (2007)).

Há um estudo interessante acerca dos pólos paulistas, dirigido por Milaneze e Batalha (2005), que considera alguns fatores de análise de um *cluster*. Nessa análise, foi definido que o grande desafio jauense é desenvolver a qualificação dos agentes do pólo e dos fatores de infra-estrutura, e, em menor escala, os aspectos mercadológicos. O estudo, aliás, aponta claramente que as principais deficiências do *cluster* são capital humano e capacidade de inovação, demonstrando esse déficit profissional.

Na análise, também é apontado o estado relativo de cada *cluster*, e sua capacidade competitiva. Na relação entre fatores, se demonstra que, apesar de atingir 57% da sua capacidade competitiva, a tamanho jauense, sua organização e seu potencial de crescimento é bem reduzido se em comparação com os complexos calçadistas de Franca e Birigui.

Numa comparação que leva em conta identidade do produto, fatores de produção especializados, flexibilização produtiva, capacidade inovadora, capital social e dinâmica organizacional do *cluster*, com notas dadas pelos respectivos governos locais, pelo SENAI e pelas indústrias (método de estudo de casos múltiplos desenvolvido por Yin), a cidade de Jaú teve a pior nota, com uma base de notas 66% menor que as de Franca e Birigui. Ou seja, apesar de um valor razoável de competitividade (Birigui atingiu 70% e Franca, 53%), a capacidade e o potencial produtivo de Jaú ainda são reduzidos. Devemos considerar porém, que, embora reduzido, está ocorrendo, se considerarmos que os dados, embora baixos, estão positivos, demonstrando um avanço.

Tabela 2.7 - Dados dos Clusters Calçadistas no Estado de São Paulo - 2005

Fatores de Competitividade	Média das Cidades					
	Franca		Birigui		Jaú	
	Peso %	Pontuação	Peso %	Pontuação	Peso %	Pontuação
Identidade do Produto	19	17	16	14	14	-1
Fatores de Produção Especializados	23	19	21	20	24	9
Flexibilização Produtiva	13	14	13	10	12	4
Capacidade Inovadora	21	17	19	10	18	-3
Capital Social	13	5	15	9	19	11
Dinâmica Organizacional do Clustes	13	5	15	15	12	6
Total	100	78	100	78	100	27
Índice de Competitividade	52,75%		69,50%		56,67%	

Fonte: Milaneze e Batalha (2005)

Portanto, os grandes desafios do complexo calçadista de Jaú estão concentrados na área administrativa, como melhor gestão do negócio, mais importância ao treinamento, manutenção e contratação de profissionais qualificados, mapeamento do processo produtivo para identificar gargalos e permitir mais eficiência no processo como um todo. Enfim, os

desafios são variados, e a necessidade de atuação é relativamente grande, se considerarmos a forte concorrência regional, nacional (RS e CE) e mundial (China e Vietnã).

2.2.2 – Dados Econômicos

Vistos alguns dados sociais que traçam um perfil interessante para a região de Jaú, podemos nos centrar exclusivamente em alguns dados econômicos igualmente relevantes. Caminharemos, nesses pontos, em direção de algumas considerações importantes e direcionamentos vitais para se concluir acerca de qualquer processo de desenvolvimento que esteja ocorrendo ou que venha a ocorrer.

Tabela 2.8 - PIB da RG Jaú

	1975	1980	1985	1996	2000	2005	2009	% de 2009
RG Jaú	1.009.547,53	1.473.491,18	2.097.833,39	1.340.356,11	1.767.933,85	1.791.843,39	1.996.063,71	100,0%
Bariri	108.792,19	152.767,68	390.566,57	108.086,60	165.267,77	211.240,52	247.258,51	12,4%
Barra Bonita	210.467,54	307.278,36	433.581,97	247.060,10	425.604,74	329.275,21	347.700,70	17,4%
Bocaina	43.634,84	45.472,11	62.584,86	53.202,24	63.001,19	87.754,45	84.874,44	4,3%
Boracéia	12.612,84	21.213,05	19.675,22	13.522,52	42.331,30	43.336,90	43.252,06	2,2%
Dois Córregos	73.844,46	80.844,87	122.363,24	144.819,09	159.348,06	162.957,72	175.763,62	8,8%
Igaraçu do Tietê	38.521,34	93.474,17	201.887,32	41.370,49	69.987,10	69.379,95	76.396,55	3,8%
Itaju	9.919,79	12.068,38	11.071,93	16.733,30	15.276,04	23.617,78	20.909,91	1,0%
Itapuí	38.864,19	42.970,07	42.626,28	37.534,58	56.709,61	68.157,16	101.990,48	5,1%
Jaú	455.832,56	692.778,91	778.687,27	640.918,48	724.422,54	751.752,67	850.326,52	42,6%
Mineiros do Tietê	17.057,78	24.623,58	34.788,72	37.108,71	45.985,50	44.371,04	47.590,91	2,4%

Fonte: IPEA Data - Elaboração Própria

A tabela 2.8 permite-nos observar uma visão geral da Região de Governo de Jaú. Nela, podemos verificar a importância das cidades de Jaú e Barra Bonita no total da geração de riqueza dentro dessa região: as duas cidades somadas representam 60% do PIB

total gerado; Jaú centrado na sua indústria calçadista e no setor terciário forte, Barra Bonita centrada na indústria canavieira. Interessante também é o resultado de Itapuí, com resultado maior do que algumas cidades de maior população, em sua economia baseada na criação de frango.

Tabela 2.9 - Crescimento do PIB da RG Jaú

	1980-75	85-80	96-85	00-96	05-00	2009-05
Estado SP	47%	5%	17%	5%	24%	14%
RA Bauru	47%	24%	8%	10%	15%	19%
RG Jaú	46%	42%	-36%	32%	1%	11%
Bariri	40%	156%	-72%	53%	28%	17%
Barra Bonita	46%	41%	-43%	72%	-23%	6%
Bocaina	4%	38%	-15%	18%	39%	-3%
Boracéia	68%	-7%	-31%	213%	2%	0%
Dois Córregos	9%	51%	18%	10%	2%	8%
Igaraçu do Tietê	143%	116%	-80%	69%	-1%	10%
Itaju	22%	-8%	51%	-9%	55%	-11%
Itapuí	11%	-1%	-12%	51%	20%	50%
Jaú	52%	12%	-18%	13%	4%	13%
Mineiros do Tietê	44%	41%	7%	24%	-4%	7%

Fonte: IPEA Data - Elaboração Própria

Em relação à taxa de crescimento do PIB, podemos verificar dados interessantes: primeiramente, os efeitos das décadas perdidas de 1980 e 1990 no PIB, bem como os efeitos do Pró-Álcool, que se inicia em 1975. Destacamos o crescimento de Igaraçu do Tietê no período de 1975 a 1985, quintuplicando seu PIB. Podemos considerar aqui também o efeito do Pró-Álcool e o crescimento produtivo gerado.

Comparativamente, podemos verificar o período do Pró-Álcool influenciando o crescimento da região. Por exemplo, o crescimento no período de 1980-85 é muito superior à RA Bauru e ao Estado de São Paulo. Nos dias atuais, o crescimento é menor que nessas duas instâncias, o que contribui para o “empobrecimento relativo” da região.

Destaquemos agora alguns pontos negativos dos dados. Como já dito anteriormente, as economias de Barra Bonita e Igarapu do Tietê são intensamente relacionadas devido à proximidade entre as duas cidades (separadas por um ponte apenas, cada uma em uma das margens do Tietê). Assim, podemos considerar que a redução do PIB no período 2000-2005 tem uma mesma causa: a saída das cerâmicas barra-bonitenses rumo à região de Piracicaba devido à proibição da extração de argila no Rio Tietê. Os efeitos, obviamente, são mais fortes em Barra Bonita, mas são sentidos também em Igarapu, não só pela saída das empresas, mas pela emigração de seus funcionários para as novas plantas, acarretando também em perdas no setor terciário.

Tabela 2.10- População Ocupada - Rural e Urbana

	Rural				Urbana			
	1970	1980	1991	2000	1970	1980	1991	2000
RG Jaú	14.897	13.342	8.346	5.731	35.886	60.554	88.996	109.545
Bariri	2.053	1.948	1.162	954	4.078	6.259	9.093	11.390
Barra Bonita	1.197	828	742	429	5.320	8.715	13.255	14.893
Bocaina	1.355	1.064	606	430	1.354	2.183	2.816	4.230
Boracéia	634	893	413	189	345	680	1.187	1.450
Dois Córregos	1.386	1.207	956	879	3.183	5.163	7.096	8.931
Igarapu do Tietê	751	412	155	68	2.435	4.966	8.345	9.403
Itaju	1.020	776	528	441	172	311	424	811
Itapuí	989	1.089	622	305	1.458	2.332	3.508	4.250
Jaú	4.847	4.592	2.877	1.841	16.279	27.625	39.475	49.424

Mineiros do Tietê	665	533	285	195	1.262	2.320	3.796	4.761
-------------------	-----	-----	-----	-----	-------	-------	-------	-------

Fonte: IPEA Data - Elaboração Própria

Partindo para uma análise da população ocupada, damos inicialmente destaque às pequenas fazendas de cana de açúcar que são fornecedoras da Cosan (ainda não adquiridas ou arrendadas, portanto) ou alguma usina da região ainda independente. Elas são consideradas em nossa análise como ambientes rurais, o que explica o considerável número de pessoas ocupadas no campo em Dois Córregos, por exemplo. Para deixar esses dados ainda mais claros, vejamos a tabela 2.11.

Tabela 2.11 - % População Ocupada em âmbito Urbano

	1970	1980	1991	2000
RG Jaú	70,7%	81,9%	91,4%	95,0%
Bariri	66,5%	76,3%	88,7%	92,3%
Barra Bonita	81,6%	91,3%	94,7%	97,2%
Bocaina	50,0%	67,2%	82,3%	90,8%
Boracéia	35,2%	43,2%	74,2%	88,5%
Dois Córregos	69,7%	81,1%	88,1%	91,0%
Igaraçu do Tietê	76,4%	92,3%	98,2%	99,3%
Itaju	14,4%	28,6%	44,5%	64,8%
Itapuí	59,6%	68,2%	84,9%	93,3%
Jaú	77,1%	85,7%	93,2%	96,4%
Mineiros do Tietê	65,5%	81,3%	93,0%	96,1%

Fonte: IPEA Data - Elaboração Própria

Podemos analisar mais a fundo, aqui, o caso de Itaju, uma cidade com apenas 3 mil habitantes e com um terço deles ocupados no campo. Itaju fica nas margens dos rios Tietê e Jacaré Pepira, e possui terra roxa, a mais fértil para a agricultura. Assim, soma-se

fertilidade e capacidade de irrigação a baixos custos e temos uma economia voltada para a agricultura, principalmente, dada as opções, de cana de açúcar e laranja.

Ademais, podemos observar que, embora com bases sólidas na agricultura, as cidades consideradas são amplamente urbanas, com média de 95% de ocupação.

Tabela 2.12 - Rendimento Familiar em relação à Renda do Município

	1991	2000
RG Jaú	86,83	76,24
Bariri	82,91	75,70
Barra Bonita	87,30	75,48
Bocaina	84,37	77,90
Boracéia	87,79	78,82
Dois Córregos	84,48	74,99
Igaraçu do Tietê	92,21	75,83
Itaju	86,10	73,93
Itapuí	87,43	75,06
Jaú	85,95	75,46
Mineiros do Tietê	89,72	79,28

Fonte: IPEA Data - Elaboração Própria

Antes de entrarmos em dados sobre a renda, esse é um dado interessante para ser mostrado. Há uma queda razoável na participação das famílias na renda dos municípios. Podemos considerar a entrada da Cosan no mercado regional como interessante nesse ponto. Destaco a queda em Igaraçu do Tietê, se considerarmos tudo o que já apontamos de sua relação com a Usina da Barra, e o valor ainda alto de Mineiros do Tietê, que sobrevive com seus arrendamentos para o conglomerado franco-brasileiro supracitado.

Tabela 2.13 - Valor médio domiciliar *per capita* em 2010

	Valor Médio	1º Quartil	2º Quartil	3º Quartil
RG Jaú	640	315	499	745
Bariri	686	337	510	775
Barra Bonita	739	346	540	848
Bocaina	687	350	510	760
Boracéia	598	309	500	724
Dois Córregos	627	288	483	730
Igaraçu do Tietê	519	267	433	648
Itaju	529	267	450	640
Itapuí	613	303	498	720
Jaú	803	378	577	900
Mineiros do Tietê	598	300	489	706

Fonte: IBGE - Censo 2010 - Elaboração Própria

Consideremos agora alguns dados acerca da renda dos municípios da Região de Governo de Jaú. Primeiramente, temos, na tabela 2.12, o rendimento médio das residências no último Censo Demográfico. Podemos concluir, olhando a mediana, que a maioria dos domicílios da região convive com 499 reais per capita, ou seja, um pouco menos do que o salário mínimo vigente (na época) de R\$ 510,00. Ou seja, não podemos considerar essa região em específico como rica se em comparação com outras do Estado de São Paulo.

A divisão em quartis deixa a análise ainda mais interessante: mais da metade da população na região sobrevive com menos de um salário mínimo, excluindo-se apenas as duas maiores cidades, Jaú e Barra Bonita. Ainda mais, 75% da população ainda está próxima da média geral da região nos municípios de Igaraçu do Tietê e Itaju; no primeiro, pela grande incidência de “boias-frias”; no segundo, pela quantidade agrícola de subsistência da população, conforme já discutido.

**Tabela 2.14 - Razão entre a Renda dos
10% + Ricos e dos 40% + Pobres**

	1991	2000
RG Jaú	9,76	11,03
Bariri	11,66	12,83
Barra Bonita	11,54	12,77
Bocaina	10,29	9,72
Boracéia	8,85	11,72
Dois Córregos	12,31	12,53
Igaraçu do Tietê	5,47	9,25
Itaju	8,45	7,51
Itapuí	12,14	9,91
Jaú	8,62	12,39
Mineiros do Tietê	8,30	11,70

Fonte: IPEA Data - Elaboração Própria

Se considerarmos a relação entre os 10% mais ricos da população e os 40% mais pobre, vemos com mais clareza a desigualdade na distribuição de renda, e como ela vem se agravando. Em média, a renda dos mais ricos é 11 vezes maior do que a dos mais pobres. Em relação a isso, a cidade de Bariri é a mais desigual, seguido por Barra Bonita, enquanto que a cidade de Itaju, a menor, é também a menos desigual. Nesse ponto, um dado interessante: a cidade é a menos desigual e com a menor renda per capita.

Podemos citar também o crescimento da desigualdade em Igaraçu do Tietê e em Jaú, sendo, no último caso, o mais preocupante dado, uma vez que na maior cidade da região. Ademais, cabe também destacar a diminuição da diferença entre ricos e pobres em Itapuí, reduzida em 20%.

Tabela 2.15 - Valor recebido do Programa Bolsa-Família (R\$)

	2004	2005	2006	2007	2008
RG Jaú	272.373,00	314.478,00	385.933,00	442.722,00	411.978,00
Bariri	22.593,00	28.018,00	30.035,00	33.074,00	29.014,00
Barra Bonita	43.155,00	45.179,00	52.521,00	61.488,00	66.964,00
Bocaina	7.191,00	7.881,00	20.971,00	21.490,00	21.918,00
Boracéia	4.029,00	4.488,00	5.971,00	3.754,00	3.948,00
Dois Córregos	10.373,00	16.135,00	36.502,00	48.166,00	49.302,00
Igaraçu do Tietê	36.298,00	40.733,00	43.867,00	48.914,00	43.998,00
Itaju	3.173,00	3.746,00	5.769,00	5.528,00	5.158,00
Itapuí	13.888,00	20.190,00	25.740,00	26.044,00	22.642,00
Jaú	120.875,00	134.835,00	145.922,00	168.318,00	147.400,00
Mineiros do Tietê	10.798,00	13.273,00	18.635,00	25.946,00	21.634,00

Fonte: IPEA Data - Elaboração Própria

Uma análise interessante de ser feita é em relação ao Programa Bolsa-Família e sua distribuição na Região de Governo de Jaú. Observamos na tabela 2.145 que, apesar da diminuição do valor distribuído no último ano considerado, aumentou-se em 50% o total de dinheiro destinado às 10 cidades. Nesse ponto, destacamos as cidades de Dois Córregos, Bocaina e Mineiros do Tietê, com os aumentos de, respectivamente, 375%, 200% e 100% no período considerado. Isso pode ser explicado pelo aumento da agressividade do programa em nível nacional, e de uma possível falta de informação ou acesso propriamente a estes benefícios. Teremos uma melhor visão na tabela 2.16.

Aqui vemos a quantidade de pessoas recebendo o benefício. Esse dado é limitado pelo fato de não considerarmos os dependentes no cálculo, mas nos dá uma considerável visão sobre a dimensão do programa governamental nas cidades consideradas. Por esses dados, podemos afirmar que as cidades de Mineiros do Tietê, Igaraçu do Tietê e Dois Córregos são as cidades que mais recebem ajuda (acima de 4% da população total). No

outro extremo, temos Bariri e Jaú (menos de 2%). Os dados acompanham a RA de Bauru (2,6%) e o Estado de São Paulo (próximo a 3% também).

Tabela 2.16 - Quantidade recebida do Programa Bolsa-Família

	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	% População 2010
RG Jaú	4.907	5.913	7.563	7.042	5.760	7.347	7.799	7.616	2,7%
Bariri	384	569	674	579	440	502	439	400	1,4%
Barra Bonita	808	853	1.005	936	852	1.024	1.118	1.047	3,2%
Bocaina	125	149	376	325	289	461	444	455	4,1%
Boracéia	86	95	131	77	65	112	149	116	3,5%
Dois Córregos	183	316	681	718	615	914	1.049	1.121	4,2%
Igaraçu do Tietê	664	749	882	820	638	831	1.051	970	4,5%
Itaju	73	93	138	116	88	81	86	69	2,6%
Itapuí	228	329	406	347	270	480	397	370	3,3%
Jaú	2.123	2.463	2.908	2.736	2.230	2.374	2.490	2.445	1,9%
Mineiros do Tietê	233	297	362	388	273	568	576	623	4,8%

Fonte: IPEA Data - Elaboração Própria

Itaju nos traz novamente uma discussão interessante: a cidade está com uma das menores rendas per capita dessa região e, mesmo assim, apenas 3,3% da população está inscrita no Programa Bolsa-Família. Uma consideração sobre o fato: a alta incidência rural (historicamente com maior número de filhos por casal) nos permitiu um número de dependentes que, excluídos da contabilidade acima, venha a viesar nossos dados. A falta de informação sobre número de nascidos/casal dificulta a confirmação desse dado.

Por fim, analisemos o valor unitário de cada contribuição do programa. De início, destaquemos Itapuí e Dois Córregos com os maiores valores, e Itaju e Boracéia com os menores. Cabe ressaltar que o ganho de valor no período foi, em média, de 34%,

destacando-se os 71% de aumento de Mineiros do Tietê. As razões para a variação de valor estão realmente no critério do programa, que considera o grau de pobreza das famílias e o número de crianças. Logo, não sabendo o perfil das famílias que aderiram ao programa, é complicado explicar qualquer variação.

Tabela 2.17 - Valor Unitário recebido do Programa Bolsa-Família (R\$)

	2004	2005	2006	2007	2008
RG Jaú	53,56	50,89	50,84	61,55	71,81
Bariri	58,84	49,24	44,56	57,12	65,94
Barra Bonita	53,41	52,96	52,26	65,69	78,60
Bocaina	57,53	52,89	55,77	66,12	75,84
Boracéia	46,85	47,24	45,58	48,75	60,74
Dois Córregos	56,68	51,06	53,60	67,08	80,17
Igaraçu do Tietê	54,67	54,38	49,74	59,65	68,96
Itaju	43,47	40,28	41,80	47,66	58,61
Itapuí	60,91	61,37	63,40	75,05	83,86
Jaú	56,94	54,74	50,18	61,52	66,10
Mineiros do Tietê	46,34	44,69	51,48	66,87	79,25

Fonte: IPEA Data - Elaboração Própria

Em relação a tabela 2.18, temos dados interessantes acerca da quantidade de exportações que as economias municipais tem exercido, dando-nos uma idéia interessante acerca de suas atividades. Primeiramente, é inegável o poder da Cosan, descrito nesses dados. Simplesmente 92% de tudo o que é exportado pela região sai de Barra Bonita. Há um resíduo do grupo Ciclotron, mas podemos considerar que o valor é quase exclusivo das exportações de açúcar e álcool do grupo Cosan e da Usina da Barra.

Cabe também o destaque dos valores de Bariri e Bocaina, a primeira via usina de açúcar Della Coletta Bioenergia, com uma média de 90% de exportação da sua produção, e

a empresa criadoura de frangos Globoaves; a segunda com a usina de açúcar e álcool Santa Cândida e o curtume Colorpelli.

Tabela 2.18 - Valor das Exportações em Reais

	2005	2006	2007	2008	2009	2010	% de 2010
Estado SP	41.398.224.595	50.328.450.163	56.210.453.650	65.069.801.253	46.566.337.511	56.820.326.508	
RA Bauru	1.383.813.785	1.778.378.435	1.961.423.289	2.084.524.600	2.989.830.435	3.880.389.363	
RG Jaú	31.934.988	40.403.714	60.567.869	40.691.273	1.216.696.884	1.648.361.123	100,0%
Bariri	3.270.008	6.991.039	10.394.904	10.129.229	38.748.151	55.895.928	3,4%
Barra Bonita	284.234	559.383	290.652	281.545	1.122.703.481	1.522.715.936	92,4%
Bocaina	10.148.929	14.289.235	30.154.434	8.391.420	40.286.428	51.897.648	3,1%
Boracéia	72.020	507.281	805.714	1.294.432	723.633	804.553	0,0%
Dois Córregos	5.160.375	7.332.663	6.582.265	9.427.741	5.301.786	9.113.525	0,6%
Igaraçu do Tietê							0,0%
Itaju					2.797		0,0%
Itapuí	1.975.905	1.342.482	1.434.713	1.220.288	913.601	866.763	0,1%
Jaú	11.023.517	9.381.631	10.905.187	9.946.618	8.008.597	7.057.513	0,4%
Mineiros do Tietê					8.410	9.257	0,0%

Fonte: IPEA Data - Elaboração Própria

Outro destaque se dá para Jaú: outrora grande produtora e exportadora de calçados femininos – quando recebeu a alcunha de “Capital Nacional do Calçado Feminino”, Jaú sofre uma relativa deterioração de suas exportações, seja pelos efeitos da crise na indústria calçadista local, seja pela crescente competitividade nacional do Pólo Calçadista de Franca, que, com maiores inovações e escala, está, pouco a pouco, conquistando o mercado jauense³⁴.

Comparativamente, temos que Barra Bonita possui 40% das exportações da RA de Bauru, e que a RG de Jaú tem 3% do total das exportações do estado de São Paulo, um

³⁴ Milanese (2008).

número relevante e que, de certa forma, distoa da relativa pobreza da região. Os motivos desse número já foram dados.

Tabela 2.19 - Composição do PIB e o PIB per Capita em 2009

	Valor Adicionado				Impostos (em milhões de reais)	PIB (em milhões de reais)	PIB <i>per</i> <i>Capita</i> (em reais)	
	Agropecuária (em milhões de reais)	Indústria (em milhões de reais)	Serviços (em milhões de reais)					Total (em milhões de reais)
			Administração Pública	Total				
RG Jaú	170,02	984,27	585,41	2.578,85	3.733,14	400,23	4.133,37	14.570,38
Bariri	27,04	152,97	64,98	276,89	456,90	55,12	512,01	15.391,02
Barra Bonita	23,06	275,66	74,89	354,25	652,97	67,03	720,00	19.881,95
Bocaina	10,90	63,17	25,47	87,76	161,83	13,92	175,75	15.937,13
Boracéia	4,88	51,59	10,67	28,45	84,92	4,64	89,56	20.176,77
Dois Córregos	30,84	104,61	51,42	196,48	331,93	32,04	363,96	13.977,13
Igaraçu do Tietê	4,75	16,81	46,66	124,97	146,53	11,66	158,20	6.557,74
Itaju	14,11	5,23	8,55	21,96	41,29	2,01	43,30	15.954,10
Itapuí	4,85	41,17	24,46	136,18	182,21	28,99	211,20	16.847,31
Jaú	41,17	257,97	253,01	1.283,42	1.582,56	178,26	1.760,82	12.990,59
Mineiros do Tietê	8,41	15,10	25,30	68,48	91,99	6,56	98,55	7.990,06

Fonte: SEADE - Elaboração Própria

Mais alguns dados interessantes, agora acerca da composição do PIB, nos ajuda a entender um pouco mais da discussão anterior. Como qualquer local minimamente desenvolvido no mundo atual, a proporção maior de participação no PIB está no setor de serviços, sendo seguido por indústria e agropecuária. Considerando a ordem de grandeza das cidades, onde, por exemplo, o PIB de Jaú é 2,5 maior que o de Barra Bonita, vemos o poder da indústria barra-bonitense – a saber, a Cosan – frente ao complexo calçadista jauense. O valor adicionado no setor secundário em Barra Bonita é maior que em Jaú, e Bariri, que também se destaca com uma Usina, também tem um valor interessante, embora menor que os outros dois. Buscamos demonstrar aqui que a indústria jauense tem se

restringido, além do mercado regional para calçados, em estabelecimentos pequenos e em possibilidades para o plantio/usinagem da cana de açúcar.

A tabela 2.20, com dados relativos, pode nos mostrar mais alguns pontos.

Tabela 2.20 - Composição do PIB Dados Relativos - 2009

	Valor Adicionado					Impostos
	Agropecuária	Indústria	Serviços		Total	
			Administração Pública	Total		
RG Jaú	4%	24%	14%	62%	90%	10%
Bariri	5%	30%	13%	54%	89%	11%
Barra Bonita	3%	38%	10%	49%	91%	9%
Bocaina	6%	36%	14%	50%	92%	8%
Boracéia	5%	58%	12%	32%	95%	5%
Dois Córregos	8%	29%	14%	54%	91%	9%
Igaraçu do Tietê	3%	11%	29%	79%	93%	7%
Itaju	33%	12%	20%	51%	95%	5%
Itapuí	2%	19%	12%	64%	86%	14%
Jaú	2%	15%	14%	73%	90%	10%
Mineiros do Tietê	9%	15%	26%	69%	93%	7%

Fonte: SEADE - Elaboração Própria

Aos pontos de análise: primeiramente, sem dúvida, o ponto que chama atenção é o Valor Adicionado no setor primário de Itaju: conforme dito, aqui confirmamos a vocação agrária da cidade, com 33% do PIB sendo gerado no campo.

Em segundo lugar, os dados de indústria estão altos em relação à média esperada por um lugar desenvolvido. Devemos alertar para um fato: as usinas são consideradas indústrias; assim, grande parte desse VA em setor secundário está ainda relacionado a atividades primárias, não se configurando, portanto, indústrias com grau elevado (nem

mediano) de aplicação de tecnologia. Nesse ponto, destaque para as cidades com usina de açúcar e álcool, com uma média de 30% do VA alocado nesse setor em específico.

Outro dado interessante de destaque é a participação da Administração Pública nos dados de Igarauçu do Tietê e Mineiros do Tietê, com mais de 25% do total do PIB gerado nos respectivos municípios. Em Igarauçu do Tietê, há uma forte pressão popular contra a redução do quadro de funcionários municipais, e devemos também considerar algumas empresas estatais autárquicas na cidade, como ao SAEIT (Serviço de Água e Esgoto de Igarauçu do Tietê).

Por fim, reiteramos os dados de Jaú, com uma relativamente baixa participação de sua indústria no PIB, em parte pelos motivos já citados de retração, em parte pela dinâmica do setor terciário, que recebe pessoas de toda a região.

Tabela 2.21- Quantidade e Valor das Produções Agrícolas em 2011

	Quantidade	Valor (mil reais)	% Cana de açúcar
RG Jaú	14.960.551	920.219	98,0%
Bariri	2.071.104	143.121	94,6%
Barra Bonita	885.376	48.721	100,0%
Bocaina	1.363.480	76.978	99,7%
Boracéia	639.338	35.545	99,9%
Dois Córregos	3.079.690	199.116	99,4%
Igarauçu do Tietê	630.256	34.664	100,0%
Itaju	712.996	61.708	87,7%
Itapuí	852.075	47.534	99,8%
Jaú	3.661.899	210.812	99,8%
Mineiros do Tietê	1.064.337	62.020	99,2%

Fonte: IBGE - Elaboração Própria

Considerando, enfim, dados de produção agrícola, observamos, primeiramente, o domínio do plantio de cana de açúcar na região: excluindo-se Itaju e Bariri, temos uma

média de 99% de quantidade produzida de cana, ou seja, quase que uma produção exclusiva (em Igarapu do Tietê é, de fato, a única produção). Ademais, destaca-se a produção agrícola de Dois Córregos, quase equiparada a de Jaú. A tabela 2.22 traz mais informações.

Tabela 2.22 - Principais Produtos de cada cidade - Quantidade e Valor - 2011

	Quantidade	Valor (mil reais)	% Cana de açúcar
Bariri	Cana de açúcar (Toneladas)	1.960.000	107.800
	Laranja (Toneladas)	97.920	28.396
	Milho (em grão) (Toneladas)	5.040	2.419
Barra Bonita	Cana de açúcar (Toneladas)	885.280	48.690
	Milho (em grão) (Toneladas)	96	31
Bocaina	Cana de açúcar (Toneladas)	1.359.000	74.745
	Café (em grão) (Toneladas)	192	879
	Milho (em grão) (Toneladas)	2.025	668
Boracéia	Cana de açúcar (Toneladas)	639.000	35.145
	Café (em grão) (Toneladas)	68	311
	Milho (em grão) (Toneladas)	270	89
Dois Córregos	Cana de açúcar (Toneladas)	3.060.000	168.300
	Café (em grão) (Toneladas)	5.445	24.938
	Laranja (Toneladas)	9.384	2.721
Igarapu do Tietê	Cana de açúcar (Toneladas)	630.256	34.664
Itaju	Cana de açúcar (Toneladas)	625.650	34.410
	Laranja (Toneladas)	81.000	23.490
	Amendoim (em casca) (Toneladas)	2.251	2.093

Itapuí	Cana de açúcar (Toneladas)	850.000	46.750
	Milho (em grão) (Toneladas)	1.575	519
	Laranja (Toneladas)	465	134
Jaú	Cana de açúcar (Toneladas)	3.655.000	201.025
	Café (em grão) (Toneladas)	1.458	6.677
	Milho (em grão) (Toneladas)	3.102	1.023
Mineiros do Tietê	Cana de açúcar (Toneladas)	1.056.000	58.080
	Tangerina (Toneladas)	2.240	851
	Noz (fruto seco) (Toneladas)	250	750

Fonte: IBGE - Elaboração Própria

Nessa tabela, vemos as três principais produções (por valor) de cada cidade da Região de Governo de Jaú. Destacamos a produção de laranja em Bariri e Itaju (cidade próxima de Bariri) e a produção de café em Dois Córregos e Jaú (resquícius do período cafeeiro que permitiu o crescimento dessas duas cidades). Mas, como já dito, o grande domínio das lavouras da região é mesmo a cana de açúcar.

- Conclusão

Relembrando o histórico mais recente da Região de Governo de Jaú, tínhamos três negócios principais: a indústria calçadista jauense, as cerâmicas barra-bonitenses e o complexo canavieiro. A grande questão era: haveria alguma possibilidade do desenvolvimento dessa região estar caminhando para uma certa especialização na produção de açúcar e álcool? Obtivemos alguns dados interessantes.

Os dados sociais observados nos mostraram uma certa herança de anos de exploração canavieira e uso dos chamados “boias-frias”, principalmente da Bahia e do

norte de Minas Gerais, seja nos índices de analfabetismo, seja na própria esperança de vida. Mas esses dados serviram apenas para esse embasamento dos possíveis impactos sentidos estruturalmente pelo enraizamento dessa atividade econômica, bem como situar-nos de uma realidade não tão bem conhecida de uma região relativamente pequena do centro-oeste paulista.

Os dados econômicos nos trouxeram informações importantes. Inicialmente, as variações do PIB nos remeteram ao Pró-Álcool e sua óbvia influência na economia da região. Tivemos também uma análise da participação das famílias na renda nacional, com uma redução moderada que pode ser causada pelo crescimento dos estabelecimentos e, ligando a isso, da Cosan, que se torna um player mundial no mercado canavieiro.

A renda domiciliar *per capita* nos traz a medida da pobreza da região, onde apenas as cidades maiores acabam se destacando. Analisamos também o crescimento da desigualdade da distribuição de renda, onde uma parcela da população ganha mais de 10 vezes mais que a maioria mais pobre. Partimos daí, para encerrar a discussão baseada em renda, nos dados do Programa Bolsa-Família, demonstrando uma participação relevante das respectivas populações mais pobres (ao menos em teoria) e com uma tendência positiva de crescimento.

Os dados de exportações demonstram, talvez, o primeiro forte indício da força do complexo canavieiro na região: os valores quase totalitários de exportação centrados em Barra Bonita, sede da segunda maior usina de açúcar e álcool do mundo, a maior do Brasil e da Cosan. Além disso, o destaque de outras duas cidades com usinas (Bariri e Bocaina) e dados relativamente atrofiados - e com tendência de queda - das exportações jauense (concentradas na indústria calçadista).

A tabela referente à composição do PIB corrobora com a explicação acima, quando mostra o Valor Adicionado dos setores da economia. O setor secundário jauense não tem o destaque que se esperaria, principalmente quando comparada, por exemplo, com os correlatos VAs de Barra Bonita e Bariri.

As últimas duas tabelas, enfim, apontam mais fortemente para uma resposta (ao menos provisória, e relacionando os dados aqui expostos): a grande participação da cultura

de cana de açúcar na totalidade da produção agrícola da região, lembrando que, apesar de tudo, estamos tratando de uma região primordialmente agrícola.

Portanto, se não possível afirmar com toda convicção e certeza – peculiar da maioria dos economistas – podemos concluir que há uma tendência à concentração das atividades produtivas da Região de Governo de Jaú entorno do complexo canavieiro. Alguns pontos, então, devem ser colocados em consideração:

- Conseguirá a indústria calçadista de Jaú se recuperar dos efeitos da crise internacional (que diminuiu exportações) e da competição interna (Ceará, especialmente) e externa (China e Vietnã);

- Qual o futuro da Indústria da Cana?

Se a primeira questão é mais complicada de se responder – tendo apenas a tendência à regionalização dessa indústria, a segunda pode ter alguns pontos considerados, e o faremos no próximo capítulo, após uma análise mais profunda da cidade de Barra Bonita.

3 – Barra Bonita e Cana de Açúcar

Depois de analisados os indicadores da Região de Governo de Jaú e observada uma certa tendência à concentração de suas atividades em torno do complexo canavieiro, faremos uma análise de um município em específico, por razões meramente pessoais: Barra Bonita. Assim, teremos três pontos de análise: a história barra-bonitense, seus indicadores e, enfim, uma análise sobre o futuro da cana de açúcar.

3.1 – Um pouco de história: Barra Bonita

“Entre a mata exuberante e o rio cristalino, destacava-se uma orla de areia alvíssima, formada no estuário de pequeno córrego caudaloso, que deságua no Rio Tietê. Ao entardecer, descambando o sol no horizonte, a natureza oferece um espetáculo deslumbrante, impregnando a vista do visitante com as cores de uma cena paradisíaca. Como se principiasse uma tempestade de luz, céu e terra se transformavam, ruborizados de início, para um momento despejarem cintilantes raios luminosos, numa fantasia cromática, intercalando matizes, como uma festa de focos e faróis deslumbrantes. Esse espetáculo de natureza marca na memória do visitante, como que uma referência de destaque, apontando como estaca, ao reencontro, às futuras jornadas, a lembrança do expressivo título que ficou para sempre, ressaltando e nomeando o local que nos acolhe: BARRA BONITA.” (BOLLA & STANGHERLIN, 1999).

O rio Tietê, além do nome, influenciou a história de Barra Bonita. Afinal, a cidade foi formada a partir de um povoado de bandeirantes, que preferiam as margens desse rio justamente pelo fato de que ele adentrava o interior do estado, além, obviamente, da facilitação de transporte. Assim, por volta de 1883, tal povoado passou a ser chamado de Barra Bonita, nome do córrego que ainda hoje cruza o centro da cidade e deságua no já citado e importante rio.

A economia da cidade começou a se dinamizar com a vinda de imigrantes italianos e espanhóis, via coronel José de Salles Leme, derrubando matas para abrir espaço para grandes plantações de café e para a pecuária bovina extensiva. Paralelamente, surgiram as primeiras olarias, utilizando-se da argila do rio Tietê, e, devido a facilidade e abundância de matéria-prima, proliferaram rapidamente, tornando as telhas da cidade conhecidas em todo o estado de São Paulo, e inclusive no Paraná e em Santa Catarina. Tais produtos eram levados via carros de bois para Jaú, onde eram comercializados. Assim, Barra Bonita tinha,

no início do século XIX, sólidas bases econômicas e importantes fontes de renda para a sua população.

Outro ponto importante da história da cidade foi a construção da ponte Campo Salles, em 1915³⁵, recebendo esse nome justamente pela ajuda do ex-presidente da República em trazer essa importante estrutura para o município, permitindo a ligação de Barra Bonita com outras cidades da região – principalmente Igarapu do Tietê e São Manuel - de maneira mais rápida e dinâmica.

A década de 20 traz a instalação da Estrada de Ferro Barra Bonita³⁶, que leva, adicionando-se outros fatores de ordem financeira e administrativa, a uma nova estrutura econômica, que desencadeia um período de grande progresso a partir dos anos 1930. Tais resultados geraram, na década seguinte, novas indústrias, ampliação na parte imobiliária e incentivo agrícola para diversificação produtiva, surgindo, assim, as primeiras plantações de cana de açúcar, uma vez que, em solo de “terra roxa” e com um clima úmido, tornava-se totalmente propícia a inserção dessa nova cultura.

Há, portanto, um grande otimismo no desenvolvimento de Barra Bonita. A faceta agrícola da economia é a principal responsável, gerando em seu entorno aumento de mão de obra e, atraindo novos trabalhadores, desenvolveu e dinamizou todos os setores comerciais do município. Enfim, a cidade se tornava cada vez mais autossustentável.

Nos anos 80/90, embora ainda predominantemente canavieira, a indústria tinha um caráter interessante na cidade ainda, seja com as olarias e seus pisos cerâmicos, seja na indústria de equipamentos eletrônicos, com a Ciclotron, que era uma das mais respeitadas no ramo, até a crise administrativa que se arrasta até os dias atuais. Além disso, o turismo era relativamente rentável, via passeio na eclusa e visita à hidrelétrica, atraindo turistas interessados em história e ecologia.

3.1.1 – Usina da Barra

³⁵ Bolla (1999), p.23.

³⁶ Idem, p.25.

Em 1943, na época em que se iniciava uma campanha municipal de incentivo à plantação de cana de açúcar, a família Ometto, já proprietária da fazenda Primavera e da Usina Costa Pinto, em Piracicaba, comprou a fazenda Pau d'Alho, com 340 alqueires. Aí foi estabelecida a Usina da Barra de Açúcar e Álcool³⁷.

O Sr. Orlando, como conhecido, sempre foi considerado um dos grandes homens barra-bonitenses, não medindo esforços para ajudar a população de sua cidade. Assim, a Usina sempre foi vista com bons olhos por todos.

Nos anos 90, a usina se tornou a maior do mundo em moagem de cana de açúcar³⁸, e foi ultrapassada apenas em 2009 por uma usina chinesa (ainda é a maior produtora de álcool do mundo). Assim, a área de plantio de cana de açúcar está espalhada pelas cidades da região, sejam terrenos próprios, arrendados ou via compra de fornecedores pequenos locais.

Em 2006, a Usina da Barra foi comprada por uma outra parte da Família Ometto, tornando-se parte do grupo Cosan, hoje o maior do mundo em negócios canavieiros. A usina hoje possui aproximadamente 3 mil funcionários, e equivale, sozinha, a 51% do PIB barra-bonitense³⁹.

3.2 – Dados e Conclusões

Analisemos, nesse momento, alguns dados do município de Barra Bonita, sempre

Tabela 3.1 - Território e População						
	Ano	Barra Bonita	Reg Gov Jaú	Estado SP	% BB/Jaú	% Jaú/SP
Área	2012	150,18	3.073,47	248.209,43	4,9%	1,2%
População	2011	35.229	291.576	41.692.668	12,1%	0,7%
Densidade Demográfica	2011	234,58	94,87	167,97	247,3%	56,5%
Taxa Geométrica de Crescimento Anual da População – 2000/2010 (Em % a.a.)	2010	-0,05	1,11	1,09	-4,5%	101,8%
Grau de Urbanização (Em %)	2010	97,9	96,13	95,94	101,8%	100,2%
Índice de Envelhecimento (Em %)	2011	77,23	63,06	53,79	122,5%	117,2%
População com Menos de 15 Anos (Em %)	2011	18	20,66	21,48	87,1%	96,2%
População com 60 Anos e Mais (Em %)	2011	13,9	13,03	11,55	106,7%	112,8%
Razão de Sexos	2011	95,92	97,95	94,8	97,9%	103,3%

Fonte: SEADE - Elaboração Própria

³⁷ Idem, p.46.

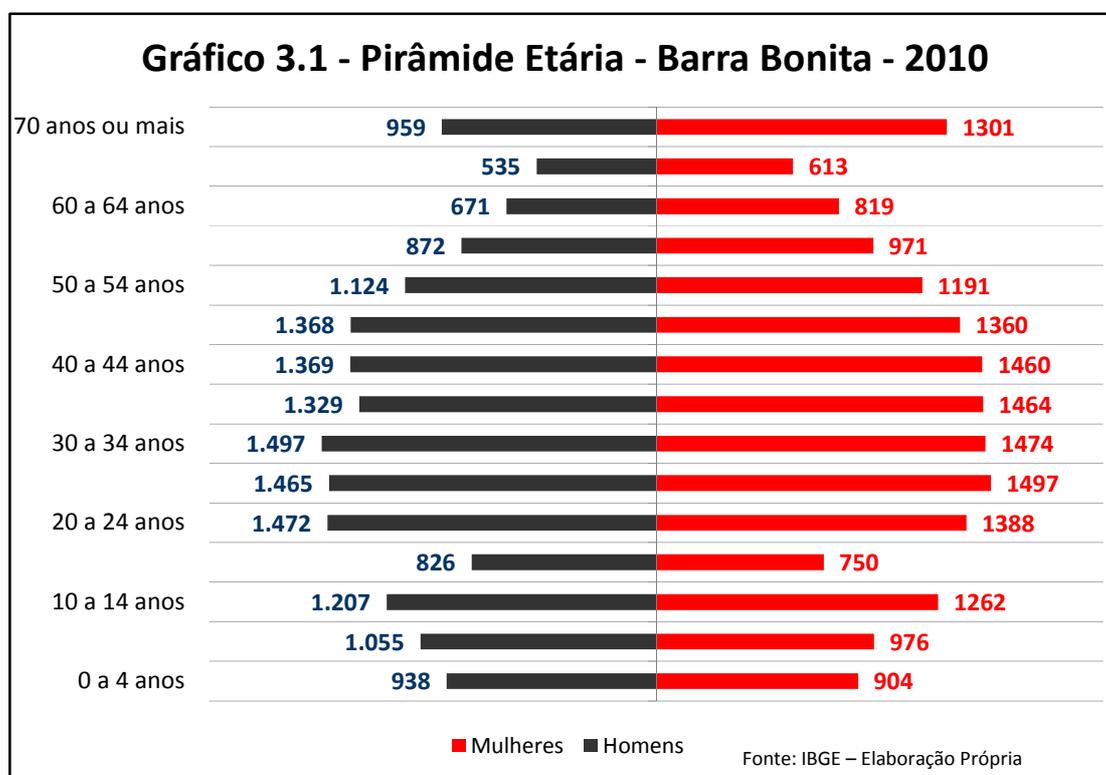
³⁸ Idem, p.49.

³⁹ Site Grupo COSAN, disponível em www.cosan.com.br.

nos utilizando das comparações com a Região de Governo de Jaú e o Estado de São Paulo. Para tal, dividimos os dados em alguns grupos de análise.

Primeiramente, podemos observar que o município barra-bonitense ocupa apenas 5% do território da Região de Governo de Jaú, apesar de ter a 2ª maior população dessa área, com 12% do total. Até por causa dessa relação, podemos verificar uma densidade demográfica consideravelmente maior em relação à média estadual, e 2,5 vezes maior que a média da RG de Jaú. Esse dado é muito interessante se considerarmos que grande parte do território do município de Barra Bonita é ocupada pelo plantio de cana de açúcar e pela sua usinagem. Ou seja, essa concentração de pessoas é ainda maior se considerarmos apenas a área urbana, onde 97% da população estão concentradas.

Considerando dados exclusivamente voltados à população, verificamos um fato curioso. Nos últimos anos, o total de pessoas na cidade considerada está caindo após alcançar um ápice de 37.500 pessoas⁴⁰. Dois motivos podem ser considerados: a saída das cerâmicas para a região de Piracicaba/Rio Claro, que, além da planta, levou os trabalhadores consigo; e a migração de jovens procurando ensino superior de qualidade.



⁴⁰ IBGE. Dados Populacionais.

O índice de envelhecimento na cidade também é consideravelmente mais alto do que a média regional e estadual. Barra Bonita tem um sistema de saúde interessante, conta com a proximidade de Jaú para melhorá-lo, é uma cidade tranquila (atraindo pessoas que planejam passar sua terceira idade da melhor forma possível), tem o apoio do governo municipal para organizações e grupos voltados ao atendimento e lazer dessa faixa etária, uma faculdade de educação física (FAEFI) que busca especializações na área de saúde na “melhor idade”, ou seja, consegue atrair idosos para a cidade e garantir uma condição elevada de vida. Influenciado por esse motivo, o índice de jovens é menor do que a média estadual.

Esses dados acima citados referentes à população são claramente vistos se considerarmos a Pirâmide Etária de Barra Bonita no ano de 2010. Temos uma base já mais estreita que a Pirâmide em si, revelando uma baixa taxa de natalidade. Temos uma depressão considerável na faixa de estudantes de ensino médio e superior, que buscam outras cidades para uma formação de maior qualidade, se destacando, nesse ponto, migrações para Bauru, Jaú, Piracicaba e até, em menor escala, São Paulo e Campinas. E, por fim, outro fato a ser destacado é a quantidade de idosos na cidade, causando uma descontinuidade considerável no efeito visual da Pirâmide. Uma característica a ser citada: como visto na tabela anterior, há mais mulheres que homens na cidade, sendo que essa diferença é explicitada nas camadas etárias superiores.

Partamos agora para a análise de estatísticas vitais, explicitando alguns pontos acima citados de influência na Pirâmide Etária. Conforme já citado, a taxa de natalidade de Barra Bonita é 22% menor que a taxa regional, o que contribui para o formato retangular na análise etária. Um dado interessante a se citar é o nível de mortalidade infantil, bem elevado (86% maior) em relação ao Estado de São Paulo, e que, certamente, também contribui para o efeito acima. Este é um problema social a ser enfrentado pela cidade, e uma análise mais profunda deveria ser feita, não sendo esse o objetivo desse estudo. Podemos citar o índice de quantidade de Pré-Natais como um indicador interessante para esse ponto.

O número de mortes entre 15 e 34 anos também é mais elevado. Nesse ponto, podemos considerar o efeito Usina da Barra e acidentes automobilísticos. Enfim, a

confirmação do efeito da cidade sobre os idosos pode ser feita baseado nos dados (abaixo da média) de mortes entre maiores de 60 anos.

Tabela 3.2 - Estatísticas Vitais e Saúde

	Ano	Barra Bonita	Reg Gov Jaú	Estado SP
Taxa de Natalidade (Por mil habitantes)	2010	10,24	13,1	14,59
Taxa de Fecundidade Geral (Por mil mulheres entre 15 e 49 anos)	2010	36,26	47,81	51,12
Taxa de Mortalidade Infantil (Por mil nascidos vivos)	2010	22,16	11,65	11,86
Taxa de Mortalidade na Infância (Por mil nascidos vivos)	2010	22,16	14,82	13,69
Taxa de Mortalidade da População entre 15 e 34 Anos (Por cem mil habitantes nessa faixa etária)	2010	121,76	118,72	117,98
Taxa de Mortalidade da População de 60 Anos e Mais (Por cem mil habitantes nessa faixa etária)	2010	3.266,64	4.179,98	3.638,16
Mães Adolescentes (com menos de 18 anos) (Em %)	2010	6,93	8,58	6,96
Mães que Tiveram Sete e Mais Consultas de Pré-Natal (Em %)	2010	60,66	80,8	78,11
Partos Cesáreos (Em %)	2010	66,02	63,34	58,7
Nascimentos de Baixo Peso (menos de 2,5kg) (Em %)	2010	8,61	9,6	9,15
Gestações Pré-Termo (Em %)	2010	5	8,15	8,67

Fonte: SEADE - Elaboração Própria

Em relação a índices de condição de vida, podemos utilizar o Índice Paulista de Responsabilidade Social (IPRS)⁴¹ para comparar alguns pontos. Quando consideramos o item “Riqueza”, observamos que a média regional (e municipal) está muito abaixo da estadual, confirmando o status de região pobre que o Centro-Sul paulista recebe. A ausência de indústrias e, assim, de mão-de-obra qualificada pode explicar esse índice. Em relação à “Longevidade”, a região também tem uma média inferior a estatal, embora que a municipal difira negativamente em relação à regional também. Os dados sobre “Escolaridade” são interessantes e devem ser destacados. Barra Bonita resolveu

⁴¹ O IPRS acompanha as facetas de análise do IDH, mas buscando explicitar as especificações de cada município. Por isso, os dados separados também são divulgados, embora não ordenados. Além disso, o IPRS permite observar mudanças estruturais em um período menor que o Censo (10 anos).

municipalizar toda a rede de ensino básico da cidade. Baseado, então, em um sistema de apostilamento de boa qualidade e na qualificação de seus professores, o município vem alcançando bons resultados nesse ponto em específico.

Tabela 3.3 - Condições de Vida

	Ano	Barra Bonita	Reg Gov Jaú	Estado SP
Índice Paulista de Responsabilidade Social – IPRS – Dimensão Riqueza	2008	47	46	58
Índice Paulista de Responsabilidade Social – IPRS – Dimensão Longevidade	2008	64	70	73
Índice Paulista de Responsabilidade Social – IPRS – Dimensão Escolaridade	2008	74	70	68
Índice Paulista de Responsabilidade Social – IPRS	2008	Grupo 4 - Municípios que apresentam baixos níveis de riqueza e nível intermediário de longevidade e/ou escolaridade		
Índice de Desenvolvimento Humano – IDH	2000	0,82	...	0,814
Renda per Capita (Em salários mínimos)	2000	2,45	2,34	2,92
Domicílios com Renda per Capita até 1/4 do Salário Mínimo (Em %)	2000	1,97	1,81	5,16
Domicílios com Renda per Capita até 1/2 do Salário Mínimo (Em %)	2000	6,38	6,4	11,19

Fonte: SEADE - Elaboração Própria

Considerando os outros índices desse grupo, o IDH é considerado elevado, assim como a média estatal, e os dados de renda mostram que, apesar de uma renda per capita menor do que a média estadual, ela está melhor distribuída na região considerada, como confirmam os dados de distribuição em relação a domicílio.

Tabela 3.4 - Habitação e Infraestrutura Urbana

	Ano	Barra Bonita	Reg Gov Jaú	Estado SP
Domicílios com Espaço Suficiente (Em %)	2000	93,79	91,75	83,16
Domicílios com Infraestrutura Interna Urbana Adequada (Em %)	2000	98,42	97,87	89,29
Coleta de Lixo – Nível de Atendimento (Em %)	2000	99,53	99,4	98,9
Abastecimento de Água – Nível de Atendimento (Em %)	2000	99,91	99,21	97,38
Esgoto Sanitário – Nível de Atendimento (Em %)	2000	99,73	98,59	85,72

Fonte: SEADE - Elaboração Própria

Partindo para uma análise de habitação e infraestrutura urbana, temos que, em todos os indicadores, Barra Bonita tem um índice maior que o regional que, na sua média, também possui índices maiores que a média estatal. Alguns dados, inclusive, confirmam as boas condições de vida usufruídas na região. Por exemplo, o fato de mais de 90% das moradias serem consideradas suficientes e, considerando exclusivamente a cidade barra-bonitense, mais de 99% das residências com acesso as necessidades básicas de saneamento. Inclusive, cabe destacar o esforço de toda a região para desenvolver um complexo de tratamento de esgoto que ajude a preservar os rios e córregos da região, destacando-se os rios Tietê e Jaú. Há dois casos a serem destacados: Igarçu do Tietê já possui um número próximo a 100% de esgoto tratado, e Barra Bonita vem finalizando as obras das duas últimas Estações de Tratamento de Esgoto que permitiram alcançar um número similar, se não totalitário.

Tabela 3.5 - Educação

	Ano	Barra Bonita	Reg Gov Jaú	Estado SP
Taxa de Analfabetismo da População de 15 Anos e Mais (Em %)	2000	8,13	9,13	6,64
Média de Anos de Estudos da População de 15 a 64 Anos	2000	7,17	6,86	7,64
População de 25 Anos e Mais com Menos de 8 Anos de Estudo (Em %)	2000	63,61	66,16	55,55
População de 18 a 24 Anos com Ensino Médio Completo (Em %)	2000	42,47	37,88	41,88

Fonte: SEADE - Elaboração Própria

A análise educacional dessa região sempre tem que considerar alguns legados que ainda estão sendo trazidos. Embora a taxa de analfabetismo seja alta para pessoas acima de 15 anos, provavelmente há uma concentração na camada mais velha da população, onde se começava a trabalhar muito cedo, em sua maioria na própria Usina da Barra, e abandonava-se a escola. Tratando-se de uma região inicialmente pobre, esse fator de influência é forte e ainda se faz presente em pesquisas desse tipo. Assim, se considerarmos a análise que leva em relação um período fechado de idade entre 15 e 24 anos, temos em Barra Bonita resultados melhores que a média estadual e regional. Este fato nos faz lembrar da

municipalização do ensino básico e dos resultados que começam a ser colhidos, e que teremos uma real dimensão de melhora assim que o primeiro ciclo completo de alunos educados dentro dessa nova estrutura se fechar. Porém, podemos já notar uma melhora interessante.

Tabela 3.6 - Emprego e Renda

	Ano	Barra Bonita	Reg Gov Jaú	Estado SP
Participação dos Vínculos Empregatícios na Agropecuária no Total de Vínculos (Em %)	2010	1,22	4,94	2,57
Participação dos Vínculos Empregatícios na Indústria no Total de Vínculos (Em %)	2010	52,26	43,02	22,53
Participação dos Vínculos Empregatícios na Construção Civil no Total de Vínculos (Em %)	2010	0,52	0,92	4,92
Participação dos Vínculos Empregatícios no Comércio no Total de Vínculos (Em %)	2010	16,64	20,73	19,47
Participação dos Vínculos Empregatícios nos Serviços no Total de Vínculos (Em %)	2010	29,36	30,39	50,5
Rendimento Médio nos Vínculos Empregatícios na Agropecuária (Em reais correntes)	2010	1.191,37	985,75	1.064,13
Rendimento Médio nos Vínculos Empregatícios na Indústria (Em reais correntes)	2010	1.795,09	1.290,24	2.226,86
Rendimento Médio nos Vínculos Empregatícios na Construção Civil (Em reais correntes)	2010	1.227,94	1.142,06	1.501,97
Rendimento Médio nos Vínculos Empregatícios no Comércio (Em reais correntes)	2010	982,4	1.063,76	1.415,16
Rendimento Médio nos Vínculos Empregatícios nos Serviços (Em reais correntes)	2010	1.324,36	1.327,99	2.028,66
Rendimento Médio no Total de Vínculos Empregatícios (Em reais correntes)	2010	1.511,37	1.238,35	1.903,11

Fonte: SEADE - Elaboração Própria

Em emprego e renda, temos a maior diversidade de indicadores acerca das condições das áreas estudadas e comparadas. Primeiramente, podemos verificar que a estrutura de empregabilidade na Região de Governo de Jaú é muito distinta da existente no Estado de São Paulo, e que é comumente divulgada como a tendência de qualquer local urbano minimamente desenvolvido. Ou seja, uma participação em um dígito no setor primário, uma participação não muito maior no secundário e uma ampla participação no setor terciário.

Em Barra Bonita, a maioria absoluta da população empregada está alocada no setor secundário (52%), enquanto que 46% estão no terciário. Nesse ponto, podemos considerar a presença da Cosan (47% da população no setor secundário) no município. Já na RG Jaú, temos uma participação um pouco maior do setor primário (5%) e ainda 43% no secundário, onde podemos considerar as outras usinas de açúcar e álcool da região e onde não podemos descartar o complexo calçadista.

Como se é esperado, em qualquer um dos níveis de comparação que estamos utilizando, o rendimento médio é maior no setor secundário. Nesse ponto, é interessante considerarmos as diferenças entre os dados de Barra Bonita e de sua região. Embora ambos sejam consideravelmente menores que os dados do estado de São Paulo (que considera indústrias com um maior grau de tecnologia aplicada e, assim, com mão-de-obra melhor qualificada), o resultado municipal é 40% maior do que o da média regional, ressaltando a diferença de salário da multinacional em relação às outras – há também a explicação que, sendo a Usina da Barra maior, há necessidade de maior quantidade de mão-de-obra mais qualificada para setores estratégicos ou tecnicistas.

Ademais, na média dos três setores, continuamos com a mesma tendência: Barra Bonita com um rendimento médio 22% maior que o da Região de Jaú, mas ainda 20% menor que a média estadual. Ressalto a remuneração do comércio municipal, em que, contrariando a tendência aqui demonstrada, tem dados consideravelmente menores aos regionalizados.

Tabela 3.7 - Economia						
	Ano	Barra Bonita	Reg Gov Jaú	Estado SP	% BB / Jaú	% Jaú / SP
PIB (Em milhões de reais correntes)	2009	720	4.133,37	1.084.353,49	17,4%	0,4%
PIB <i>per Capita</i> (Em reais correntes)	2009	19.881,95	13.859,11	26.202,22	143,5%	52,9%
Participação no PIB do Estado (Em %)	2009	0,066	0,381	100	17,4%	0,4%
Participação da Agropecuária no Total do Valor Adicionado (Em %)	2009	3,53	4,55	1,62	77,6%	280,9%
Participação da Indústria no Total do Valor Adicionado (Em %)	2009	42,22	26,37	29,04	160,1%	90,8%
Participação dos Serviços no Total do Valor Adicionado (Em %)	2009	54,25	69,08	69,34	78,5%	99,6%
Participação nas Exportações do Estado (Em %)	2010	2,680	2,901	100	92,4%	2,9%

Fonte: SEADE - Elaboração Própria

Enfim, considerando dados estritamente econômicos, temos a importância do PIB barra-bonitense dentro da região (17%) e seu valor 43% maior quando consideramos a variável *per capita*. Porém, podemos verificar – e confirmar mais uma vez – a relativa pobreza dessa região em relação ao estado de São Paulo: o PIB somado daquela representa apenas 0,4% do total desta.

Podemos também verificar, em relação ao PIB, a participação setorial nos três níveis, e confirmar a influência usineira nos dados de Barra Bonita, além de demonstrar que, na média, a região de Jaú tem dados menores do que o estado de São Paulo.

Ademais, confirmamos mais um dado que já citamos: dentro dos bens exportados na região de Jaú, sua grande maioria se refere à Cosan, e, apesar dessa influência positiva, a região é responsável por meros 3% das exportações de todo o estado, confirmando o que dissemos acima.

4 – Conclusão

Assim, fazendo uma análise dos dados citados, podemos concluir que Barra Bonita tem setores realmente destacados e ligeiramente mais desenvolvidos que a média da RG Bauru: área de educação e saneamento são exemplos claros. Porém, se o foco desse trabalho é a análise econômica, não podemos deixar de considerar a estrutura setorial apresentada. Preocupa saber que grande parte da atividade industrial da cidade e da Região de Governo de Jaú esteja concentrada no complexo canavieiro (a discussão vantagens x desvantagens será feita em breve). Preocupa saber de defasagem – e perda de significância, inclusive, dentro da região - da indústria calçadista de Jaú. Principalmente, preocupa a concentração de atividade e uma certa inatividade ou inércia por parte das estruturas políticas da cidade.

Um exemplo disso: Barra Bonita é considerada uma cidade turística, tendo, inclusive, o título de “Estância Turística”. Seu modelo de turismo, inclusive, é declaradamente a base utilizada para o desenvolvimento turístico de Brotas, que hoje se tornou um dos destaques do Estado nessa área. O que aconteceu de errado, então? Por que essa estrutura não foi modernizada? Por que não houve variação em atrações, mantendo-se a exclusão apenas? Muitas desculpas são dadas, seja a falta de estrutura, de incentivo da prefeitura ou a inatividade privada. O ponto é que essa seria uma saída interessante para trazer renda à cidade e, conseqüentemente, movimentar a economia regional como um todo, e que é subaproveitada.

Enfim, há oportunidades não consideradas, há falta de infraestrutura e incentivo, mas um ponto é inegável: a concentração de atividade sempre deve ser vista com muito cuidado, principalmente em um negócio agrícola e em relação a produtos com uma discussão de futuro importante. Assim, a Região de Governo de Jaú deve considerar realmente as possibilidades de desenvolvimento que possui, deve buscar uma recuperação calçadista, atrair novos setores industriais, mas, principalmente, deve traçar um plano de desenvolvimento, que passa por uma reconciliação dos setores público e

privado, a fim de tentar um real movimento desenvolvimentista e que traga novas possibilidades econômicas e sociais a essa região.

4.1 – O que esperar da cana-de-açúcar no futuro?

Uma vez demonstrada essa concentração em torno da economia canavieira, cabe uma discussão: seria esse um motivo de preocupação?

Na teoria econômica, duas correntes antagônicas são conhecidas: A neoclássica, encabeçada por Smith e Ricardo, considera que a especialização em um setor que ofereça vantagens comparativas (ou absolutas) garante o pleno funcionamento da economia mundial e o desenvolvimento (equivalente a crescimento) desses locais. Há uma outra corrente, de caráter mais heterodoxo (como a escola cepalina), que prega a diversificação econômica como único meio de garantir o desenvolvimento, uma vez possível se tornar independente de grandes vultos importadores.

Tendendo a optar pela segunda opção (como a história econômica já mostra), temos que discutir: quais os problemas em concentrar as atividades na cana-de-açúcar?

Alguns biólogos chamam a atenção para um fator que está sendo incluindo no amplo conceito de “Ciclo da Cana no Brasil”, que nada mais é que a explicação histórica da origem da cultura e seu desenvolvimento. Olham-se seus dois produtos principais para tal discussão: o açúcar e o álcool.

A preocupação é a tendência de queda no consumo desses dois produtos no futuro. O açúcar por pressão e campanhas de saúde, alertando contra um possível surto mundial de diabetes; o álcool, via seu principal subproduto – o etanol, pela possibilidade cada vez maior de se optar, a partir do momento que plenamente desenvolvidas, por tecnologias que se utilizem de fontes combustíveis mais limpas, como a água e a energia solar.

Os efeitos disso em uma cidade como Barra Bonita, por exemplo, seriam catastróficos, já que, uma vez com a produção drasticamente diminuída, haveria menor

parcela de renda oriunda dessa atividade, o que atingiria o setor de comércio e serviços, que orbitam em torno desse complexo. Ou seja, não haveria mais um pólo concentrador de atividades na cidade, que ficaria a mercê de sua própria sorte.

Movimentos da Cosan, porém, apontam para outro destino. A Usina da Barra inaugurou em 2010 (apenas 30% da capacidade) a sua usina de bioenergia, que funciona, basicamente, gerando energia através da queima do bagaço da cana-de-açúcar. Isso permite dois pontos: o reaproveitamento de uma parte da cana outrora desprezada; e a drástica diminuição – se não extinção – das danosas queimadas para limpeza do solo. Para se ter uma idéia, a Usina de Bioenergia de Barra Bonita – unidade da Raízen (joint venture entre Cosan e Shell) – tem a mesma capacidade de produção de energia elétrica da hidrelétrica da cidade de Barra Bonita no rio Tietê. Ou seja, a Cosan conseguirá alimentar suas usinas e ainda vender o excedente de energia. Uma diversificação interessantíssima de suas atividades, e que pode garantir a sobrevivência, caso os pontos anteriores realmente ocorram, da economia da região como um todo.

A Cosan já está construindo novas usinas de bioenergia, e, via discursos de certa forma otimistas, já afirmam transformar a produção de açúcar e álcool um subproduto da produção energética.

Referências Bibliográficas

- BAENINGER, R., et al. *Por dentro do estado de São Paulo*. Campinas: UNICAMP, 2010. v.4
- CANO, W., BRANDÃO, C.A., MACIEL, C.S., MACEDO, F.C. (Orgs.). *Economia paulista – dinâmica socioeconômica entre 1980 e 2005*. Editora Alínea, Campinas. 2007.
- CANO, W. (Org.). *São Paulo no limiar do século XXI*. São Paulo: Fundação SEADE, 1992. v.2 e 7.
- CANO, W. (Org.). *A interiorização do desenvolvimento econômico no estado de São Paulo – 1920-1980*. São Paulo: Fundação SEADE, 1988. v.3.
- RAMOS, P. Referencial teórico e analítico sobre a agropecuária brasileira, In: RAMOS,P. (Org.). *Dimensões do agronegócio brasileiro: políticas, instituições e perspectivas*. Brasília: MDA, 2007a.
- RAMOS, P. O futuro da ocupação na agroindústria canavieira do Brasil: uma discussão dos trabalhos disponíveis e um exercício de estimação, In: *Informações Econômicas*. São Paulo: IEA, v.37, n.11, nov. 2007b.
- RAMOS, P. Situação atual, problemas e perspectivas da agroindústria canavieira de São Paulo, In: *Informações Econômicas*. São Paulo: IEA, v.29, n.10, out. 1999a.
- RAMOS, P. A evolução da agroindústria canavieira no período 1946-1980: expansionismo agrário e características da estrutura de produção, In: *Informações Econômicas*. São Paulo: IEA, v.31, n.08, ago. 2001.
- RAMOS, P. Agricultura e (sub)desenvolvimento: aspectos teóricos e elementos para uma reinterpretação do caso brasileiro, In: *Reforma Agrária*. ABRA, v.29, n.1, jan./ago. 1999b.
- SUZIGAN, W., et al. Coeficientes de Gini Locacionais (GL): Aplicação à Indústria de Calçados do Estado de São Paulo. In: *XXX ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA*, Anais... Nova Friburgo, dez. 2002.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: www.ibge.gov.br

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Disponível em: www.ipea.gov.br

Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE). Disponível em: www.seade.gov.br

Instituto de Economia Agrícola (IEA). Disponível em: www.iea.sp.gov.br

Ministério do Desenvolvimento. Plano de desenvolvimento do arranjo produtivo local de calçados de Jaú. Jaú, 2007. Disponível em:

http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1248288185.pdf

BOLLA, R.A., STANGHERLIN, C. Barra Bonita: *100 anos de história*. Barra Bonita, Prefeitura Municipal de Barra Bonita, 1999.

MILANEZE, K.L.N., BATALHA, M.O. Análise da competitividade do setor calçadista do estado de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em:

http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S00801072008000200004&script=sci_arttext